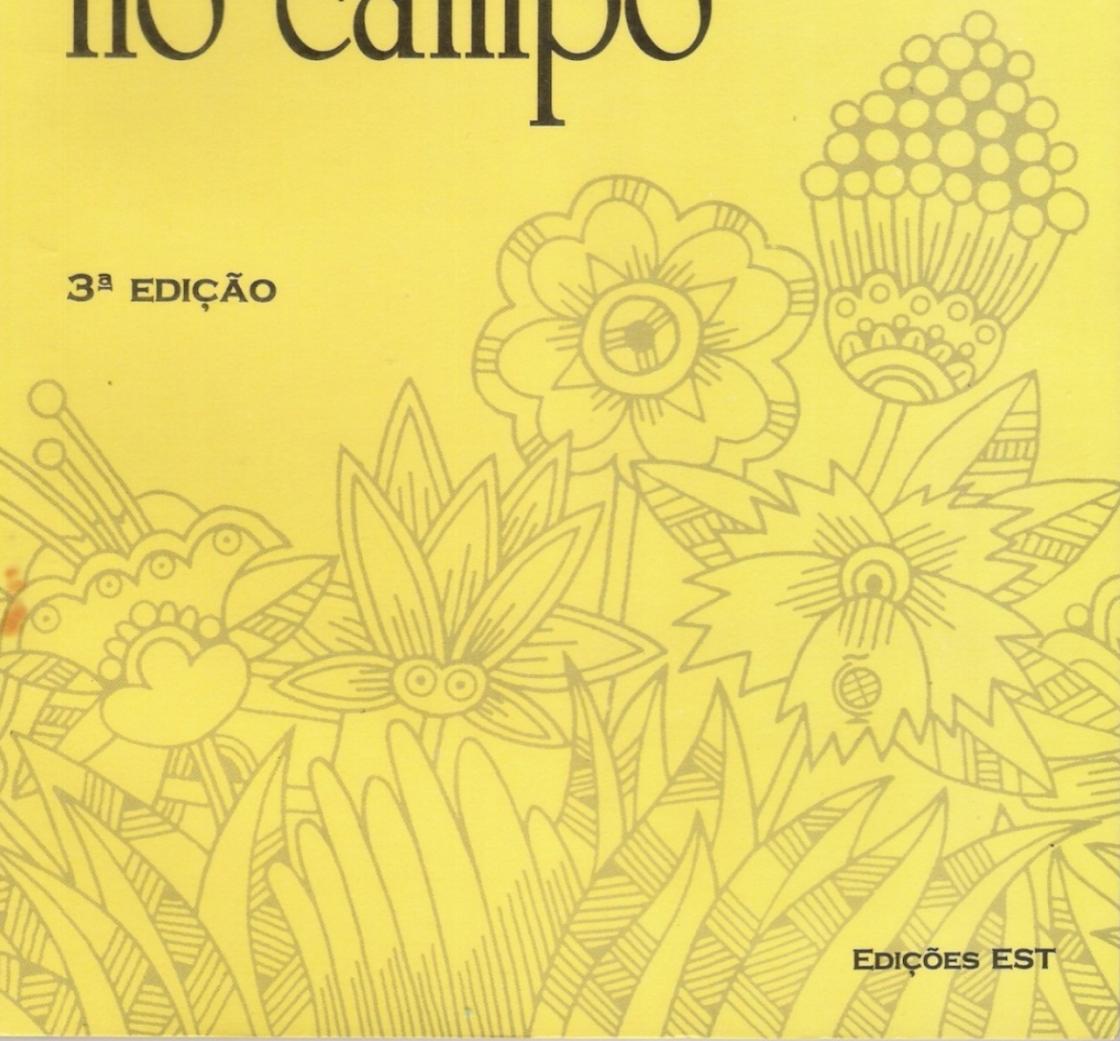


Tesouro escondido no campo

FIDÉLIS
DALCIN
BARBOSA

3ª EDIÇÃO



EDIÇÕES EST

Existem na literatura os chamados *reveladores de talentos*. Fidélis é um desses. Muitos lhe devem o gosto pela pesquisa, pelo estudo, pelas letras, e a coragem de colocar a público seu próprio pensamento. Mas Fidélis é, acima de tudo, um *revelador e incentivador de leitores*. As 300 edições de suas obras asseguram que um milhão e meio de exemplares estão nas mãos de leitores, levando idealismo, coragem e fé.

Fidélis Dalcin Barbosa

Tesouro escondido no campo



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2013

Fidélis Dalcin Barbosa

Tesouro escondido no campo

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, 3ª Ed. -NI: NI, 1994.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilhual 3,0 Nao Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 03/07/2013

Capa e ilustrações de: Antônio Suliani

B238t Barbosa, Fidélis Dalcin, 1915-
Tesouro escondido no campo [recurso eletrônico] /
Fidélis Dalcin Barbosa. – Passo Fundo : Projeto Passo
Fundo, 2013.
E-book (formato PDF).
ISBN 978-85-8326-012-7

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Contos. I. Título.

CDU: 869.0(81)-34

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sumário

FIDÉLIS DALCIN BARBOSA - 80 Anos	9
TESOURO ESCONDIDO NO CAMPO	14
RESPEITO	22
O PEQUENO MARGINAL	30
O PINHEIRO	43
O NHANDU	48
O ÉBRIO	57
O FILHO DO BABY-DOLL	69
O MENDIGO	77
O SORRISO DE MONICA	80
A SANTA MARIA GORETTI GAÚCHA	85
FLOR DO CAMPO.....	94
NA SOLIDÃO DO DESERTO	102

FIDÉLIS DALCIN BARBOSA - 80 Anos

A 14 de dezembro de 1915, quando a humanidade vivia a tensão do primeiro conflito mundial, na pequena localidade de Santa Clara Baixa, município de Montenegro, nascia alguém marcado por um signo bélico diferente, chamado a lutar em prol da paz e da fraternidade, através de 54 armas que hoje ainda empunha galhardamente, que são suas 54 obras publicadas.

É *Fidêncio Giocondo Dalcin*, o hoje General condecorado na revolução do amor e da fraternidade, batizado culturalmente com o nome de *Fidélis Dalcin Barbosa*, filho de Antônio Dalcin e Maria Dalcin.

Seus pais, católicos praticantes, a 16 de janeiro de 1916 levaram-no à Igreja São Pedro de Garibaldi, onde o missionário capuchinho francês, Frei Michel des Molettes, lhe ministrava o sacramento do batismo, fundamento de seu futuro carisma evangelizador.

Certos de que a fidelidade à tradição cristã da família, seria ratificada por seu filho, os pais de Fidêncio Giocondo o quiseram logo *Soldado do Evangelho*, apresentando-o, três anos depois, a 4 de outubro de 1918, ao bispo Dom João Becker, na mesma Igreja São Pedro, para lhe ser administrado o sacramento do Crisma.

Em 1928, Fidêncio Giocondo começava a realização de seu grande sonho franciscano, ingressando no Seminário Seráfico São José dos Frades Menores Capuchinhos, em Alfredo Chaves, atual Veranópolis. Depois dos estudos seminarísticos do ensino fundamental, ingressava na Ordem através do Noviciado, com o nome de Frei Fidélis de Carlos Barbosa, a 1º agosto de 1933, no Convento Sagrado Coração de Jesus de Flores da Cunha, acolhido por Frei Cláudio Mocelini, que fora coadjutore pároco de Lagoa Vermelha de 1916-24, realizando seus primeiros compromissos franciscanos a 2 de agosto de 1934, perante Frei José Cherubini, que fora pároco de Lagoa Vermelha de 1915-9.

Concluído o Curso de Fãosofia no Convento São Boaventura de Marau, de 1934-6 e de Teologia no Convento São Francisco de Garibaldi, de 1937-40, recebia, em Garibaldi, a Ordenação Sacerdotal de Dom José Barea, Bispo de Caxias do Sul, a 11 de agosto de 1940.

Ordenado Sacerdote, Fidélis iniciou sua primeira experiência como *evangelizador pela palavra*: de 1941-2, em Veranópolis, como vigário cooperador, onde diariamente, mesmo aos domingos, ensinava catecismo nas escolas municipais e nas capelas; de 1943-5, como pároco de São José do Fragata, em Pelotas, onde ensinava catecismo em Grupos Escolares do município; em 1946, como Cura da Catedral de Vacaria, onde ensinava catecismo em Grupos Escolares e nas capelas da paróquia; nesse ano também lecionou no Seminário Diocesano de Caxias do Sul e foi Redator do Correio Riograndense de Caxias do Sul; de 1947-52, como professor do Seminário dos Capuchinhos do Porto, em Portugal; de 1952-69, como professor, secretário e vice-diretor do Ginásio e Escola Técnica de Comércio Duque de Caxias de Lagoa Vermelha; de 1970-1, como redator do Correio Riograndense em Caxias do Sul, e professor no Seminário dos Servos de Maria e da Escola Normal de Canela.

Em 17 de março de 1972, obtinha da Santa Sé dispensa do exercício do ministério sacerdotal, em razão do processo n. 3559/71, iniciando o segundo momento de sua *utopia evangélica*, tornando-se *Evangelizador pela escrita*, o que se lhe tornava difícil antes, face às muitas obrigações pastorais do ministério sacerdotal.

Com o mesmo espírito franciscano, com a mesma fé, as mesmas convicções, sem ressentimentos de qualquer ordem, com certeza e liberdade pessoal frente as próprias decisões e convicções, com o apoio dos mesmos amigos e confrades, iniciava esta nova e importante etapa da sua vida, fazendo-se *Evangelizador pela escrita*. O amor à pobreza e simplicidade, a contemplação da natureza e do mundo, próprios do espírito franciscano, tornou-os presentes em seu novo ministério de evangelização pelo livro sadio, formativo e cristão.

Hoje, quando iniciamos as comemorações dos 80 anos de Fidélis Dalcin, temos a satisfação de relançar seu primeiro livro editado, *Semblantes de pioneiros*, que se constituiu um marco singular da literatura imigrantista, editado em fevereiro de 1961, sob o nome literário de Fidélis Dalcin Barbosa.

Esta obra foi escrita em Lagoa Vermelha, quando Fidélis atuava no Ginásio Duque de Caxias. É justo, pois, seja relançada também nesta cidade. Ela inicia a concretização do segundo carisma vocacional franciscano do autor, de ser apóstolo pela comunicação escrita.

Por meio desta edição comemorativa, Lagoa Vermelha reconhece a dedicação e carinho de Fidélis ao município, sua contribuição educacional e cultural através de suas 54 obras, a quase totalidade pensadas, pesquisadas, redigidas e publicadas nesta cidade, e que citamos com a data da última edição: *Semblantes de Pioneiros*, 1961, edição comemorativa em 1995; *Prisioneiro da montanha*, 6ª ed. 1982; *O Primeiro beijo*, 1961; *Prisioneiros do abismo*, 3ª ed. 1995; *O rapaz que não fumava*, 1962; *A rebelião das águas*, 1963; *A mais bela miss*, 2ª ed. 1963; *São Paulo*, 2ª ed. 1963; *O anjo de Cinzano*, 2ª ed. 1962; *Rainha da beleza*, 1962; *Anjos prisioneiros*, 1964; *Prisioneiros de Vila Velha*, 1964; *Santo Tomás de Aquino*, 1964; *São Domingos Sávio*, 1964; *Prisioneiros do Campo*, 2ª ed. 1977; *Prisioneiros dos Bugres*, 1966; *A Coloninha*, 2ª ed. 1969; *O Relógio de Tapera*, 1969; *O anjo branco*, 1970; *Uma Estrela no Céu*, 19ª ed. 1995; *Lagoa Vermelha e sua História*, 2ª ed. 1982; *Campo dos Bugres*, 1975; *Fanáticos de Jacobina*, 1976; *História do Rio Grande do Sul*, 4ª ed. 1995; *Luís Bugre*, 2ª ed. 1977; *Vacaria dos Pinhais*, 1978; *Antônio Prado e sua História*, 1980; *São Vigílio da Segunda Léguas*, 1980; *Realeza - PR - 20 Anos de História*, 1983; *Caminhoneiro*, 2ª ed. 1993; *Clélia Merloni*, 1992; *Rita Amada de Jesus*, 1990; *O Sorriso de Mônica*, 1993; *Caminhos do Senhor*, 1991; *O Filho de Baby-doll*, 1993; *A Missão de uma Jovem*, 4ª ed. 1993; *Emerson Cini*, 1992; *Nova História de Lagoa Vermelha*, 1981; *Caseiros*, 1989; *A Diocese de Vacaria*, 1984; *Daniel Bertelli*, 1987; *Victório Righi*, 1992; *Senhor Bom Jesus de Esmeralda*, 1993; *Santa Maria Goretti*, 1993; *Jovens Candidatos ao Altar*, 1994; *Flor do Charco*, 1994; *Tesouro Escondido no Campo*, 1994; *Mãe Augusta*, 1994; *Memorial de Olga*, 1994; *Pe. Narciso Zanatta*, 1990; *Nossa Senhora Consoladora de Ibiaçá*, 1994; *Juarez Carra*, 1994; *Águas de Piratuba*, 1995; *Memórias*, 1995.

A partir de 21 de agosto de 1971, em sua obra de evangelização pela escrita, Fidélis contou com o apoio e a dedicação amorosa e diuturna de *Carmelina Camatti*, sua esposa, que também homenageamos nestes seus 80 anos.

Existem na literatura os chamados *reveladores de talentos*. Fidélis é um desses. Muitos lhe devem o gosto pela pesquisa, pelo estudo, pelas letras, e a coragem de colocar a público seu próprio pensamento. Mas Fidélis é, acima de tudo, um *revelador e incentivador de leitores*. As 300 edições de suas obras asseguram que um milhão e meio de exemplares estão nas mãos de leitores, levando idealismo, coragem e fé.



No rol de suas obras publicadas, temos também o *Revelador de Santos*. Será que Madre Paulina estaria, hoje, nos altares, não fosse seu empolgante volume *A Coloninha*? E a *Maria Elisabeth de Oliveira* não está oficialmente nos altares, mas está canonizada pelo povo. Sua biografia *Uma estrela no céu* vai para a 21ª edição, com média de cem mil exemplares distribuídos.

Cabe frisar que exemplares de obras de Fidélis Dalcin Barbosa, especialmente em bibliotecas do interior, figuram como os mais lidos. Muitos milhões de brasileiros, pois, leram alguma dessas obras. Para muitos também o primeiro livro lido, foi uma obra de Fidélis Dalcin Barbosa.

Em 1984, com Frei Arlindo Itacir Battistel, fomos a casa paroquial de Perdersono, em Trento, perto de Vígolo Valtato, terra natal da Madre Paulina, para realizar um levantamento de emigrados para o Rio Grande do Sul. Qual surpresa, quando o Pároco nos mostra a grande novidade, o livro *La Contadina*, e nos dizia que se tratava da história e vida de uma possível futura santa trentina no Brasil, a Madre Paulina. Nem tive coragem de dizer a ele que conhecia o autor, Fidélis Dalcin Barbosa, e que eu mesmo havia publicado a referida obra, para lhe deixar o sabor da vibração pela boa notícia.

A reedição de *Semblantes de Pioneiros* na Semana de Lagoa Vermelha de 1995 quer ser, primeiramente, uma homenagem da população deste município, em grande parte constituído de imigrantes e migrantes, a Fidélis Dalcin que escolheu Lagoa Vermelha para viver e a ela dedicou a maior parte de sua vida.

O atual Prefeito, Dr. Eli Pegoraro, como o faria o prefeito de qualquer partido que tivesse sido eleito em seu lugar, atesta a gratidão desta municipalidade. Eis suas palavras de abertura a edição comemorativa:

"No ano em que a comunidade de Lagoa Vermelha comemora 114 anos de história, lembra com carinho e reconhecimento a contribuição literária de mais de meio século de Fidélis Dalcin Barbosa que, com singeleza registrou, através de vasta bibliografia, os valores, a crença, a coragem, e o trabalho do povo lagoense, através de romances e pesquisas históricas. Seus livros representam a força oculta, a visão espiritual de um povo que evolui e desenvolve-se porque vive de forma integrada, no trabalho, na educação e na cultura. Escritor Fidélis Dalcin Barbosa,



representas a vida do povo que te admira e agradece por seres historicamente lagoense" (Dr. Eli Pegoraro, Prefeito Municipal de Lagoa Vermelha).

A Academia Rio-Grandense de Letras que Fidélis representa nesta região, por meu intermédio, o parabeniza pelo fecundo apostolado cultural do livro e pelo enfoque literário, educacional, histórico e transcendental que infunde em todos os seus escritos.

Em referência a obra *Semblantes de Pioneiros*, Luis Alberto De Boni afirma, na contracapa, fazendo eco a tantos pesquisadores do tema imigratista: "Relançada após sete lustros, *Semblantes de pioneiros*, não é apenas a história dos pioneiros da colonização italiana em solo gaúcho: e também uma obra pioneira na forma de aproximar-se da problemática da Imigração, no modo de abordar temas que ainda não se haviam estruturado para a narrativa, na capacidade de captar fisionomias até então ignoradas."

- Fidélis, porque o Sr. é um sonhador, um idealista, um utopista, um inquieto vanguardeiro, certamente o que dissemos a seu respeito lhe motive o riso, mas é tentativa de expressar nossa amizade e admiração.

- E por que se pensou em reeditar *Semblantes de pioneiros*? Sabe-se que os, brincos se penduram às orelhas. Então, se o amigo se der a pena de ler, no brinco da última aba de seu livro, popularmente denominada segunda orelha, encontrará o brinco, que acreditamos ser a razão mais forte desta homenagem:

"Em conversa informal com Véra Lúcia Maciel Barroso, Zeli Maria do Amarante e Pécio de Moraes Branco recordamos que seus 80 anos acontecem no ano centenário da chegada dos capuchinhos franceses ao Rio Grande do Sul. Por isto, recordando sua escolha franciscana de vida e seu 1º livro editado, resolvemos, juntos, lhe dedicar esta reedição. Porto Alegre, Páscoa de 1995. Rovílio / Vera /e Zeli."



TESOURO ESCONDIDO NO CAMPO

O rapaz era pobre. Descendente dos tropeiros paulistas que povoaram os campos do nordeste do Rio Grande do Sul, podia ser um abastado pecuarista, senhor de milhões de léguas de campo e de milhares de cabeças de gado. Todavia, como aconteceu com a maioria destes descendentes, Gomercindo acabou marginalizando-se.

Sentia prazer em recordar a nobreza de sua origem. Não escondia que ele poderia ser rico, como foram seus antepassados. Dizia-se mesmo bisneto de alguns dos primeiros povoadores de Lagoa Vermelha e Barracão. Simões Lopes de Estilita, Felipe de Sousa e Pedro Vieira Gonçalves teriam sido seus ancestrais.

Morava no atual município gaúcho do Barracão, proximidades de Reserva Florestal do Espigão Alto. O pai tinha lá sua pequena propriedade rural, uma rocinha, umas vaquinhas, um cavalo, porcos e galinhas.

Com a idade de 16 anos, Gomercindo empregou-se na serraria de Hilário Kohl, que era natural de Carazinho. O alemão chegara aqui com 15 anos. Chegara sem nada e quase analfabeto. Começou a trabalhar na serraria de Alcides Provenzi, hoje radicado em Santo Antônio da Patrulha. Conquistou logo a simpatia do patrão, por ser correto e esforçado. Passados dois anos, Hilário assumia a gerência da serraria da família Provenzi.

Com 20 anos, Hilário estabelecia-se com indústria madeireira própria. Atualmente, em 1995, tem várias serrarias, é forte granjeiro, comerciante, dono de um posto de combustíveis Ipiranga e de uma frota de caminhões e carretas. Estudou por correspondência, podendo, com essa instrução e por ser econômico, tornar-se um líder da comunidade local.

Elegeu-se vereador tendo sido até indicado para candidato a prefeito municipal.

* * *



Gomercindo, trabalhando na indústria madeireira do seu Hilário, passou a admirar e a invejar a evolução do seu chefe. Ele também fora pobre, havendo enfrentado rudes batalhas para atingir a privilegiada situação atual.

Dominado por espírito de emulação, Gomercindo sonhava seguir idêntico rumo de vida do patrão, ladeira acima, subindo, sempre subindo, até ficar rico. Era um sonhador. Pois de tanto sonhar em riqueza, uma noite sonhou de verdade. Sonhou que ficara rico da noite para o dia. Sonhou com uma panela de dinheiro enterrada à beira de um banhado, perto da Reserva Florestal do Pontão.

A Reserva do Pontão era uma ponta de serra que vinha da encosta do rio Pelotas e avançava pelo campo, colocando enorme mancha negra em meio ao verde da campina. Um grosso pinhalão de araucárias, que durante longos anos fora preservada como reserva estadual.

Os tropeiros paulistas, quando chegaram aqui, batizaram o lugar com o nome de Pontão por causa dessa ponta de mato. Até o atual Passo do Barracão era conhecido por Passo do Pontão, no caminho das tropas.

No ano de 1848, o governo provincial mandou construir ali um quartel para os guardas encarregados da cobrança do imposto do gado que saía para a feira de Sorocaba e também para a defesa dos moradores contra assaltos dos índios Coroados, numerosos e extremamente ferozes.

O engenheiro Afonso Mabilde foi encarregado de aldear os indígenas e de alargar a estrada. A antiga estrada das tropas do Pontão foi aberta clandestinamente por volta de 1784, a fim de fugir da cobrança do imposto do Passo de Santa Vitória, no atual município gaúcho de Bom Jesus. Em 1818, o Major Atanagildo Pinto Martins, com 60 exploradores, abriu oficialmente o caminho, hoje transformado na BR-470, com uma ponte gigantesca ligando os Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Ao lado do quartel, foi construída uma capela, dedicada a Nossa Senhora das Dores. Principiou, então, a afluir gente, formando um povoado com o nome de Capela do Pontão. Entretanto, por causa do quartel, que era um enorme barracão de madeira, o povoado começou a



ser conhecido pelo nome de Barracão, nome que acabou firmando-se definitivamente.

* * *

Perturbado por aquele estranho sonho, que lhe roubou a tranquilidade e o sono, Gomercindo foi um dia para junto da reserva do Pontão, na esperança de descobrir o banhado do sonho, o banhado do esconderijo da panela de ouro.

Com espantosa surpresa, deu logo com o banhado, o banhado do sonho. O mesmíssimo banhado, perto da reserva do Pontão. Banhado típico da região, no meio do campo, com alto macegão e muito caraguatá.

Ficou de perna mole o rapaz. Estaria ele realmente com sorte, prestes a se tornar rico, como por artes mágicas? Tornar-se dono, quem sabe, de uma fortuna. Excessivamente crédulo por natureza, convenceu-se que era rapaz privilegiado e digno de tamanha benção do céu, que seria decerto a recompensa de sua extrema ambição, de louca vontade de enriquecer.

Saiu louco à procura do proprietário do campo, convencido de que este, o Seu Anastácio, lhe venderia aquele banhado a preço de banana, pois naquele tempo campo e gado tinham pouco valor.

O fazendeiro espantou-se com a absurda proposta do Gomercindo:

- Mas por que você quer comprar este banhado horrível, onde nem gado pode entrar, Gomercindo? Que ideia é essa, rapaz?

- Sabe Seu Anastácio, é que me deu na cabeça que ali naquele banhado está enterrado um cabedal, uma panela de ouro.

Anastácio soltou uma gargalhada, sacudindo a vasta bigodeira grisalha.

- Mas, Gomercindo, decerto você sonhou, não é?

- Sonhei, Seu Anastácio.

- E acredita no sonho?

- Acredito e por isso que vim aqui. Desejo comprar o terreno. O banhado e uma tira do campo ao redor.

- Pois olhe, Gomercindo, eu lhe vendo com prazer o banhado e um pedaço de campo e mato, aquele belo capão ao lado, com altos pinheiros.



- Obrigado, Seu Anastácio. Eu não disponho de muito dinheiro. Posso comprar apenas o banhado e um pedacinho de campo. Mais tarde, quem sabe...

* * *

Realizado o negócio, sempre cegado pela ambição de enriquecer rapidamente, sem tanto esforço, o rapaz tratou logo de abrir um valo perto do banhado, precisamente no local indicado pelo sonho.

Trabalhou afanosamente todo o dia. Trabalhou o dia seguinte e no outro, sem que lhe surgisse o menor sinal do enterro do cabedal. Nem mesmo o carvão que os enterradores de ouro costumavam colocar a fim de impedir o deterioramento do recipiente, da panela.

No terceiro dia, resolveu construir ali um rancho, onde pudesse passar as noites, sem ter que retornar para casa, e, desta maneira, trabalhar sem perda de tempo.

Sábado de tarde, o Anastácio, sempre incrédulo e rindo da ingenuidade do rapaz, foi vê-lo a trabalhar naquela lida extenuante.

- Mas, então, Gomercindo, cadê a panela do dinheiro? - perguntou fingindo seriedade.

- Pois é, Seu Anastácio, aqui não existe sinal de enterro algum. Estou desconfiado de que seja mais para cá, mais perto do capão. Se tivesse dinheiro, Seu Anastácio, eu lhe compraria esse capão. Estou até com vontade de retornar ao meu emprego na serraria a fim de ganhar o dinheiro necessário para o negócio.

- E, então, rapaz, por que não vai?

- Sim, senhor, eu vou.

E Gomercindo voltou a trabalhar na serraria do Seu Hilário. Passados dois meses, com o dinheiro do ordenado é um pequeno empréstimo, efetuou a compra do capão e mais uma tira de campo ao redor. Capão lindo, com aqueles altos pinheiros, em cujos galhos os bugios e os papagaios faziam um barulhão infernal.

Instalou-se no velho rancho, que ainda permanecia em pé, foi abrindo um valo atrás do outro, deixando um montão de terra vermelha sobre a grama do campo. Parava apenas ao meio-dia para comer seu feijão de marmitta,



Vai até que um dia, um tanto desanimado, vendo aquele terreno esplêndido, beira de banhado e de mato, terreno excelente para uma lavoura, levantou um cercado e fez uma roça. Plantou milho, feijão, batata doce e abóboras.

Em pouco tempo, farfalhava ali uma bela seara, exuberante e promissora, no meio da paisagem agreste, como flor em pleno sertão. Havia sempre o festivo canto de muitos pássaros. Sabiás, pombas e branca araponga, com aquela sua frenética martelada bigorna. Perdizes e perdigões piando durante todo o dia. Veados, pastando, passeando perto, mansinhos. Ao entardecer, o bando de curucacas voltava do campo cacarejando, para empoleirar-se nos galhos dos pinheiros.

Recanto belíssimo aquele para moradia. O rapaz, com seu espírito de ambição e criatividade, pensou até em ficar morando ali o resto da vida.

Aumentou o cercado e plantou mais milho e feijão. Reforçou o rancho e construiu ao lado uma pequena mangueira, com vistas numa vaquinha de leite.

Dono daquele capão de altos e grossos pinheiros, decidiu vender alguns deles ao Seu Hilário. O patrão foi lá, mandou cortar os pinheiros e felicitou o rapaz pela escolha de lugar tão lindo para morar.

Colhido o milho, Gomercindo, com o dinheiro da venda dos pinheiros, comprou uma vaca, umas galinhas e um porquinho. Vendeu mais uns pinheiros, e, com o fruto do negócio, adquiriu outro pedaço de campo, aumentando assim a sua pequena propriedade rural.

Tratou então de construir uma casa confortável, aproveitando a madeira dos pinheiros, que seu Hilário serrou de graça para o seu antigo empregado. Além da casa, construiu um galpão, o chiqueiro e o galinheiro.

Tudo ocorreu tão depressa e favoravelmente, que, quando se deu conta, já estava casado com a Maria Eugênia, uma ex-colega de escola, pela qual andou apaixonado desde os tempos de menino.

Quando nasceu o segundo filho, ampliou outra vez a sua propriedade, adquirindo mais alguns alqueires, com o fruto de sua lavoura e da criação. Disponha agora de meio milhão de metros quadrados de terra, entre campo, mato e banhado.



A jovem esposa era forte e trabalhadeira. Com sua ajuda, aumentou a lavoura, aumentou o rebanho, as galinhas, realizando sempre gordos negócios, com a venda de cereais, queijo, ovos, porcos e aves.

* * *

O tempo foi passando. Nasceram mais três filhos. Eram agora três rapazes e duas meninas. Filharada linda, sadia, disposta, criada naquela fartura de leite, ovos, carne de frango, num ambiente saudável, respirando o ar puro da serra.

Os filhos, em seu devido tempo, foram recebendo instrução em escolas municipais e particulares. Quando o filho mais velho, o César, atingia a idade de 16 anos, iniciava-se na região era da lavoura mecanizada. A pecuária, pouco lucrativa na época, cedia lugar à agricultura.

Não poucos criadores transformaram, então, seus campos de pastagens nativas em granjas de trigo, que ofereciam aquele sublime espetáculo de um oceano de ouro, ondulando ao sopro da brisa, ao sabor das coxilhas.

Gomercindo, vinha irresistivelmente fascinado pela agricultura. Por isso, aderiu agora ao revolucionário movimento renovador da paisagem pampeana. Com empréstimo bancário, na época muito favorável, comprou um possante trator. Auxiliado pelos filhos, igualmente apaixonados pela mecanização da lavoura; que em uma extraordinária novidade, lavrou o campo de sua propriedade e mais uma parte do vizinho, por arrendamento.

Ao cabo de algumas semanas a manobrar o trator, cujo ronco rompia o silêncio daquele sertão, em lugar do verde das pastagens, surgiu um poema vermelho de terra lavrada, enfeitado, aqui e acolá, por airosos capões de pinheiros, guamirins e aroeiras.

Lançada a semente à terra, as planícies e as coxilhas tornaram as vestir-se de verde, um verde uniforme, obedecendo a simetria das carreiras formadas pela máquina semeadeira, dando a impressão de versos paralelos de um poema.

* * *



No mês de novembro, Gomercindo obteve a colheitadeira de Seu Hilário, a esse tempo forte granjeiro, e realizou o grande sonho: a primeira safra de trigo. Safra abundante, que lhe rendeu milhões, com os quais pode saldar a dívida do banco, comprar uma Caminhoneta Ford F-1000, levantar um galpão para garagem das máquinas e armazém.

Quando no próximo ano, o trigo lourejava em nova promessa de fartura, Gomercindo sentiu-se na obrigação de agradecer ao Senhor o inestimável dom daquela segunda safra de trigo, safra que nunca sofreu os insultos das intempéries e que colocava ele, caboclo entre a classe dos abastados granjeiros do município.

Organizou uma festa. Carneou um boi gordo. Fez grande churrasco, para o qual convidou os pais, os irmãos, os parentes, as autoridades, o Seu Hilário, o Seu Alcides Provenzi, os vizinhos e amigos. Convidou o Pe. Alexandre, o vigário, para celebrar missa de ação de graças.

A missa e o churrasco tiveram lugar à sombra aprazível de um capão, no meio da granja. Depois da missa, enquanto o churrasco assava, impregnando o ar de apetitoso odor, a comitiva saiu para o alto da granja, de onde se descortinava, em toda a sua vastidão, em toda a beleza, em todo o seu esplendor, aquele oceano de ouro.

O trival cobria toda a extensão do campo nativo, sendo, aos fundos, moldurado pela mancha negra da reserva do Pontão, oferecendo aquele contraste surpreendente e extasiante. O trival bem lourdo, e lá longe o pretume do grosso pinhalão de araucárias.

Todos estavam encantados diante daquela maravilha estonteante. Todos felicitavam o o proprietário, naquele dia lindamente trajado de gaúcho. Bombachas luxuosas, botas reluzentes, lenço no pescoço, chapéu de aba larga, preso ao queixo por barbicacho.

Gomercindo agradecendo as felicitações, contou, então, a curiosa história da origem daquela granja. A fantástica história do sonho, revelando o tesouro escondido no campo. Todos ficaram extremamente admirados e contentes.

Tomando então, a palavra, o sr. vigário disse, com franco sorriso nos lábios:

- Amigo Gomercindo, feliz de você que acreditou no sonho. Você acreditou e fez o que diz Nosso Senhor no Evangelho. Você sabe, Gomercindo, o que diz o Evangelho?

- O quê, sr. vigário? - perguntou ele esbugalhando os olhos, com incrível curiosidade.

- O reino dos céus pé semelhante a um tesouro escondido no campo. Você acreditou que neste campo jazia um tesouro escondido. Comprou o campo e, depois de algum trabalho, descobriu o tesouro. Agora, enquanto vai desfrutando o tesouro, colabora na construção do reino de Deus, dando ao povo brasileiro o pão nosso de cada dia.

Todos bateram palmas e abraçaram o novo triticultor do Barracão, o qual, de tão comovido, chegou a derramar uma lágrima.



RESPEITO

História fantástica, inacreditável, de um cachorro que praticava façanhas impossíveis. Foi narrada ao autor por Arno Petró, residente na cidade gaúcha de Vacaria, filho de João Petró e sobrinho de D. Augusto Petró, atualmente (1995) Bispo de Uruguaiana, no Rio Grande do Sul.

- Era de unha perdida - assim principiava a contar o Arno Petró. Cachorro de unha unha perdida. Cachorro de unha perdida é o melhor cachorro do mundo. Mas são raríssimos. O pai levou um tempão procurando um.

Lá um dia, o Seu Ernesto chega em nossa casa. Chega de cara alegre, como quem traz uma radiante notícia.

- Compadre, diz ele, abrindo um largo sorriso. - Já temos o cachorro que você tanto procura.

- Não diga, compadre. De unha perdida?

- Exatamente, de unha perdida. A Diana deu cria e no meio da ninhada de filhotes encontrei um de unha perdida.

- Beleza compadre! O cachorrinho é meu, custe o que custar.

- Não, compadre, não custa nada.

Volvidos uns dias, o Seu Ernesto chega com o cachorrinho.

- Olhe aqui a unha dele, compadre. Bem no alto, quase na metade da perna.

Nós, as crianças, fomos criando-o com todo o carinho, tratando-o, a princípio, com leite, e a seguir com carne. Em poucos meses, ficou forte. Um enorme cachorro de meter medo.

O pai ia ensinando. Ensinando. Ensinando a cuidar da casa, da propriedade, da criação e a caçar. Respeito aprendia tudo quanto se lhe ensinasse. Aprendia com a maior facilidade.

Quando o pai saía a viajar, recomendava:

- Respeito, eu vou viajar. Tu ficas cuidando da casa, sim?



Respeito obedecia. Nos dias de ausência do pai, não saía de perto da casa. Não saía nem para procurar comida. E não deixava que ninguém se aproximasse sem a presença de uma pessoa da casa. Nem gente nem bicho. Dia e noite.

Quando, após alguns dias, o pai vinha chegando de volta, o cachorro sabia mesmo sem ver o pai. Só pelo pateado do cavalo ao cruzar pelo capão. Fosse outra pessoa, não dava demonstração. Não confundia nunca o pateado do cavalo baio do pai com o pateado de outro cavalo. Começava a pular, a fazer festa. Então nós dizíamos: o pai vem chegando. Nunca nos decepcionou.

* * *

O pai ensinou a caçar. Nossa casa era na boca do sertão. Principiava ali, a menos de cem metros, um matão sem fim, povoado de bicharia bravia. Até onça havia naquela imensa floresta.

Respeito caçava veado, tateto, porco-de-mato, mão-pelada, guará, graxaim, paca, cutia, tatu e até cobra cascável. Interessante! Para cada bicho, o nosso cachorro tinha um latido diferente, distinto. Então, o pai, pelo latido, sabia que bicho Respeito perseguia.

Muitas vezes, à noite, o pai dizia: Respeito, eu hoje quero um tatu. Pronto, o cachorro saía à bala e afundava no matarê. Daí a pouco, lá vinha o latido característico da presença de um tatu. Então, o pai ia lá e trazia a caça para casa. O pai não quis ensinar que trouxesse o tatu para casa. O pai queria colaborar.

Numa dessas caçadas de tatu, Respeito foi infeliz. A única vez. De repente fez ouvir o latido. Mas era um latido diferente, estranho, nunca visto. Bicho desconhecido.

O pai ficou preocupado. Armou-se de fado e archote e foi tirar a limpo aquela inquietante situação. Inacreditável o que o pai viu então! O cachorro, rijamente abraçado por enorme tamanduá-bandeira, ia rolando morro abaixo, abrindo estradão, em meio a bambus, samambaias e outros arbustos.

Sem a menor preocupação consigo mesmo, o pai precipitara-se em defesa do cão. Foi um desastre! O tamanduá, vendo ali o dono do cachorro, não teve dúvidas. Largo este para abraçar o pai. Abraçou-o tão fortemente, neutralizando-lhe qualquer meio de defesa



Vendo-se perdido, o pai gritou: Respeito! O cachorro, então, num pulo elétrico, agarra o tamanduá pelo focinho e, com dois violentos safanões, o estraçalha.

Agora, retornando para casa, Respeito vinha choramingando. Choramingava por haver entrado numa fria. Por haver-se deixado agarrar por um tamanduá vagabundo. Logo ele, o mais valente cachorro do mundo. E, pior ainda, por haver permitido que seu dono fosse preso!...

* * *

Foi a única vez. Nunca mais bicho algum o desrespeitou. Mais tarde, haveria; não bicho, mas um homem mesquinho.

Mas, antes disso, o nosso cachorro praticou muita bravura. Era o amigo fiel de todas as horas. Acompanhava-nos à roça, fazendo de cavalo. Transportava a mala-de-pano com as provisões e o pequeno Mário, o caçula da casa.

Acompanha-nos também na reza. Sim senhores, na reza como se fosse gente. Nós tínhamos o costume de rezar o terço à noite, antes de deitar. Todos ajoelhados na sala grande.

Então Respeito entrava. Ajoelhava-se sobre as patas dianteiras, num canto da sala. Respondia às orações da melhor forma possível, o coitado. Fazia uma força danada, movimentando as mandíbulas... O pai até disse um dia: nunca a palavra em um bicho fez tanta falta.

Terminada a recitação do rosário, levantava-se, saía pulando, fazendo festa. A hora do recolhimento, da oração, havia chegado ao fim.

Respeito aprendeu ainda a ir até o armazém fazer compras. Nós colocávamos dentro de uma cesta o dinheiro e um bilhete para o dono da venda. Respeito agarrava a cesta com os dentes, ia lá e trazia açúcar, sal, café...

Ensinamos a trazer do potreiro a vaca de leite. O pai dizia:

- Respeito, a Boneca.

O cachorro saía correndo. Procurava a Boneca e vinha tocando para a estrebaria. Quando o pai queria trazer o touro, dizia:

- Respeito, o Capitão.



Pronto, o cachorro ia logo e tocava para casa o nosso touro.

* * *

O mais impressionante era como ele nos comunicava a morte de algum vizinho. Emitia um latido lamentoso, profundamente triste. Isto aconteceu quatro vezes.

A última vez, Respeito nos deixou apavorados. Começou com aquele lamentoso gemido e logo saiu correndo para o mato. Fomos atrás dele, até que Respeito parou diante de uma árvore, de cujos galhos pendia um homem enforcado...

Nós estávamos muito felizes com este animal tão prestativo, tão amigo da gente. Se um dia Respeito viesse a nos faltar, nem era bom imaginar a sombra negra de tristeza que tombaria sobre nossa casa.

Pois, este dia chegou, desgraçadamente. Respeito teria seus três anos apenas. Uma tarde, ele matou o cachorro do vizinho. O cachorro que penetrara em nosso potreiro e perseguia nossas vacas. Era um cachorro de estimação. E sabem o que fez o dono deste cachorro? Deu bola de vidro. Deram bola de vidro ao nosso querido Respeito.

O pai, percebendo, ministrou-lhe um vidro de óleo de rícino, salvando-o de morrer na hora. Mas respeito não prestou mais. Perdeu toda aquela sua vivacidade. Perdeu a vontade de caçar. Deixou de entrar na sala para rezar o terço. Foi definhando, definhando, até que morreu.

O pai, de tão indignado e revoltado, esteve a ponto de matar o vizinho. Não o fez porque o vizinho jurava que não fora ele que dera bola de vidro para matar o nosso cachorro.

Ninguém pode imaginar a dor, a tristeza, a desolação, que tomou conta de todos nós. Era como se tivesse morrido um membro, da família. O que choramos!

A fim de mitigar um pouco nossa dor, resolvemos prestar uma homenagem de amor e gratidão para o incomparável amigo, que tanta alegria e serventia nos havia proporcionado.

Organizamos um velório na sala onde Respeito costumava nos acompanhar na reza. Um funeral solene. Lindo caixão, coberto de flores.



Num campestre que havia no meio do mato, um campinho onde nós jogávamos futebol, foi aberta a cova. A seguir, em grande silêncio, em religioso cortejo, transportamos para lá o nosso querido defunto. Eu ia na frente levando a cruz.

Uma pausa para reflexão e lágrimas. E o ataúde desceu à sepultura, auxiliado por duas cordas. Depois, de acordo com o costume da época, cada um de nós agarrou um punhado de terra e jogou na cova, fazendo ruído no caixão.

Completamos a piedosa tarefa com a pá. Ajeitamos a terra caprichosamente, dando-lhe forma de sepultura humana. À cabeceira, cravamos a cruz de madeira, abraçada por uma linda grinalda de flores. Espalhamos rosas e cravos sobre a sepultura. Ficamos lá mais alguns minutos, recolhidamente, em nossa grande dor.

Seguiram-se dias e semanas de pesado luto e profunda desolação em nossa casa. Passado algum tempo, o pai, que aborrecido com a desgraça, resolveu transferir-se para outro lugar. Vendeu a terra para um irmão, o qual, no entanto, nunca foi morar lá.

Vizinhos também, um após outro, foram se retirando, a exemplo do pai. Aquão tudo virou tapera. O mato foi tomando conta de todo aquele rincão. Dentro de alguns anos, um grosso matagal foi juntar-se àquela floresta sem fim, habitada por feras.

* * *

O mato foi crescendo. O tempo passando. Um dia, velho caçador, conhecido apenas pelo nome de Resto-de-Onça, vagando por aquele sertão, acabou perdendo-se.

Extraviado, quanto mais buscava o caminho de casa, mais dela se afastava, afundando cada vez mais na floresta. Dia e noite andando à toa, dando voltas inúteis, sem jeito de descobrir o fio da meada.

Cada dia, andando trôpego, ia arrastando as pernas, já sem esperanças de se salvar. Foi quando, de repente, viu um raio de luz. Uma claridade. Correu para ela e descobriu um campestre, um belo campinho gramado.

Para quem passara dias na sombra negra da selva, aquão era algo tombado do céu. Mas não parou aí a alegre surpresa de Resto-de-

Onça. Viu ali, a um canto, uma velha sepultura, presidida por tosca cruz de madeira, coberta de musgo.

Criou alma nova. Suspirou fundo, aliviado. E não vaciou. Caiu de joelhos. Avidamente. Ergueu as mãos para o alto e rezou, com o maior fervor do mundo: Senhor, por alma deste defunto, fazei que eu me salve, que encontre o caminho para sair deste sertão e chegar em minha casa.

Palavras não eram ditas, surge, ali perto, saindo do mato e atravessando o campinho, o vulto negro de um enorme cachorro preto.

Estou salvo - pensou Resto-de-Onça. - E só seguir este cachorro, que me levará seguramente à casa de seu dono.

E tratou de acompanhar o providencial animal, que, por sorte, como sabendo de sua nobre missão, caminhava devagar, para dar chance aos trôpegos passos do cansado caçador.

Andaram assim, um atrás do outro, cerca de um quãometro, quando o cachorro desapareceu, mas já a vista de um rancho de caboclos. Resto-de-Onça aproximou-se com sofreguidão. Quando viu a figura pálida do sertanejo assomando à porta de seu casebre, caiu de joelhos, causando surpresa. Com dificuldade, mal podendo falar, com voz trêmula e fraca, levantando as mãos, exclamou:

- Muito obrigado, meu amigol

- Obrigado por quê, vizinho? - perguntou o caboclo de olhos arregalados.

- O seu cachorro. O seu cachorro me salvou a vida.

- Que cachorro, homem? Eu não tenho cachorro.

* * *

A notícia daquela milagrosa sepultura correu mundo, chamando atenção para os doentes e necessitados de graças do céu. Logo um doente, vítima de câncer incurável, visitando com fé a misteriosa sepultura, e rezando por alma daquele defunto ali sepultado, recuperou a saúde, milagrosamente.

Um paralítico lá deixou suas muletas e saiu andando sobre seus pés. Um tropeiro, que perdera seu cavalo, foi levar àquela sepultura, uma

dúzia de velas, e não é que encontrou ali, amarrado a uma árvore, o seu cavalo!

A romaria dos devotos foi aumentando. Aumentando extraordinariamente. Não faltou quem montasse ali uma tenda, para venda de velas, mantimentos e bebidas. Foi construída outra casa. Mais outra. Foi ficando povoado, transformando o local num ponto de concorridas romarias.

Tratou-se, então, da construção de uma capela, para nela entronizar os restos mortais daquele defunto, que era um santo que fazia tantos milagres.

Construída a capela, com donativos dos romeiros, marcou-se a data da sua inauguração. Uma grande festa. Tão numerosa foi a afluência de pessoas, que foram sacrificadas dez reses para o churrasco.

Antes da inauguração da igreja, procedeu-se a exumação dos ossos do misterioso defunto. Todo mundo queria ver. Todos, curiosos por conhecer de perto aquilo que provocava tantos prodígios, tantas curas, tantas graças.

O Pe. Antônio, pároco da freguesia mais próxima, presidiu o cerimonial. Principiou com a recitação de uma dezena do rosário, seguida de um cântico, entoado por um grupo de jovens. A seguir, o vigário deu ordem para abrir a sepultura.

Dois operários, armados de pá e cavadeira, em poucos instantes, diante de enorme expectativa geral, descobriram as tábuas podres do ataúd. A seguir, apareceu um osso pequeno, como de criança. Um punhado de ossos miúdos, e, no meio deles, oh, espanto! Uma caveira canina.

A multidão não se conteve e rompeu numa exclamação imensa. Houve até um riso sacrílego, logo abafado. No mesmo instante, todos os olhares se voltaram para o padre, interrogativamente, como a pedir uma explicação. Como quem diz: E agora, vigário?

O Ped. Antônio, sem demonstrar a mínima admiração, a menor surpresa, olhou atentamente para toda aquela gente atônita. Fez uma pausa impressionante e falou:

- Pois é, meus filhos. Cachorro também é criatura de Deus. Nosso Senhor, como aconteceu tantas vezes na História da Igreja, pode muito bem servir-se dos animais irracionais para manifestar seu infinito poder e fazer algum bem à pobre humanidade. Por que não? O que vale é a nossa fé

O PEQUENO MARGINAL

Gaúcho de Lagoa Vermelha, eu fui um pequeno marginal. Pequeno mas tremendo marginal. Fui ladrão, assaltante, e estive a pique de me transformar num perigoso assassino. Uma dezena de vezes, revólver roubado em punho, fiz pontaria para matar.

Mas lá um dia, no tenebroso caminho que eu trilhava, brilhou um raio de luz. No meio deste raio de luz, surgiu uma mão poderosa e amiga. Mão poderosa e amiga que me conduziu do charco às estrelas, do diabo a Deus, do inferno ao céu...

Recuperei-me. Agora, inteiramente regenerado, sinto prazer em narrar a minha história. A minha dramática história, que já foi transformada em peça teatral, magistralmente levada em cena pelas normalistas da Escola Rainha da Paz, de minha terra natal.

* * *

Sou filho de uma prostituta. Prostituta com sangue africano. É claro, se dependesse de mim, eu escolheria outra mulher para mãe, em que pese o elogio de Cristo, que a muita gente de bem faz preceder as prostitutas à entrada no reino de Deus (Mt 21, 31).

Filho da zona do meretrício, criado sem pai e sem padrinho principiei a gatinhar entre marginais. Vida bruta. Ambiente sombrio de vício e miséria.

Vivia de esmolas, passando fome e sofrendo os rigores do inverno sulino, por falta de roupa e coberta, num barraco miserável. Roupa minguada, rasgada, suja e fedorenta.

Com oito anos, saía pelas ruas de minha cidade, junto, com alguns companheiros de infortúnio, a bater de porta em porta, mendigando ajuda.

Nestes peditórios, em geral, era bem sucedido. Ganhava hoje um prato de comida; amanhã, um pedaço de pão; depois de amanhã algum dinheiro.

* * *

Um dia, nestas minhas andanças, sofri uma decepção. A maior decepção da minha vida de marginal. Um tombo feio que poderia ser o começo de uma série de trambolhões.

Bati à porta de bela moradia de um dos maiores empresários da cidade. A esposa deste empresário costumava me atender muito bem, dando-me alguma ajuda. Infelizmente, nesse dia, quem me recebeu foi o seu marido, o Seu Alfredo, que era uma fera para os pequenos marginais.

Quando o Seu Alfredo abriu a porta de sua mansão e me viu, levantou a voz, esbravejando blasfêmias na língua dos gringos: *Brutti negri, maledett!* Não trabalhar, vagabundos!

Eu saí correndo, mas uma pedra me acertou nas costas, e logo duas balas de revólver passaram assobiando perto de mim, sobre o calçamento.

A violenta pedrada me deixou a marca nas costas. Marca que até hoje conservo e que irá comigo à sepultura.

Qualquer pessoa, por mais educada e cristã que fosse, se revoltaria, diante de um gesto de tanta selvageria. Imaginem, então, eu, um pequeno marginal, criado na escola dos marginais, vivendo a fãosofia dos marginais...

* * *

Pois o demônio tomou conta de mim. Fiquei um demônio. Um diabinho. Jurei vingança. Vingança diabólica, infernal. Jurei que haveria de matar aquele bruto. Fiz promessa. Promessa solene. Fiz promessa de matá-lo com a mesma arma com que ele acabava de me atirar.

Na execução de meu plano diabólico, eu tive sorte. Tive a proteção não do céu. A proteção do demônio. O demônio que nesta sinistra empreitada me abençoou escandalosamente.

O que me parecia quase impossível, tornou-se a coisa mais fácil d mundo. Entrar na casa do Seu Alfredo sem ser visto e sair dela com o revólver, foi uma façanha espetacular, de que até hoje me admiro.

Não tive mais sossego. Não pensei em mais nada. Eu só queria entra na casa do Seu Alfredo e sair dela com o revólver. O revólver com que ele me havia atirado duas vezes. Com esse revólver eu havia de matá-lo.

Durante alguns dias, às escondidas, nas proximidades da suntuosa casa, estive espreitando uma oportunidade. Ao cabo de uma semana, fiquei sabendo que, de manhã, o Seu Alfredo saía para a sua empresa, os filhos iam à escola, ficando em casa apenas a D. Ernesta, com o filho menor e a empregada.

Um dia, por volta das dez horas da manhã, escondido por trás das árvores da avenida, vi, com alegria, a D. Ernesta sair de casa junto com o filho menor e a empregada, deixando a casa deserta.

A casa ficou deserta, mas fechada à chave e, nos fundos, bem guardada por um enorme cachorro policial. Um cachorro alemão pavoroso, capaz de estraçalhar um adulto, não apenas uma criança como eu.

Mas eu ignorava a presença do perigoso animal. Fui penetrando afoitamente pela garagem, aos fundos. Num pulo, passei da garagem à cozinha, sem que o cachorro desse por mim. Devia, com certeza, estar dormindo, providencialmente.

* * *

Atravessei duas salas ricamente atapetadas e mobiliadas. Andei por um corredor, de onde avistei a cama do casal, coberta com uma colcha dourada. Penetrei no bellissimo quarto, carpetado e perfumado. Abri uma gaveta da cômoda. Fiquei radiante. Lá estava o revólver. Um revólver pequeno, de cano curto, calibre 22. Fácil de levar escondido no bolso das calças.

Estava carregado. Ao lado, uma caixa de balas. Agarrei a arma e a caixa de balas. Enfiei nos bolsos.

Minha alegria não parou por aí. Na mesma gaveta estava uma faca prateada, com bainha floreada. Vendo aquela faca, tive uma ideia. Uma ideia ingênua, infantil. Uma ideia absurda, diabólica, infernal.

Com o revólver eu mataria o Seu Alfredo. Em seguida, com a faca lhe abriria o peito, para verificar se ele tinha coração.

Meti a faca na cintura, por baixo das calças, o cabo encoberto pela camisa. E saí, triunfalmente. Num pulo, estava na garagem. O cachorro, amarrado por longa corrente, disparou atrás de mim, sem conseguir pegarme. Levei um susto, do qual me refiz em seguida, porque eu acabava de realizar uma façanha espetacular,



* * *

De posse do revólver, eu vibrava, prelibando uma segunda façanha, que era de derrubar o Seu Alfredo com a sua própria arma, a arma com a qual ele me havia disparado dois tiros.

Eu cuidava que matar o Seu Alfredo seria fácil, mas fácil do que entrar na casa e furtar-lhe o revólver, a caixa de balas e a faca. Mas estava enganado, redondamente enganado. Matar o Seu Alfredo seria para mim a empreitada mais difícil do mundo. Empreitada impossível de realizar.

Sabia que o Seu Alfredo, aos sábados e domingos, à noite, ia ao cinema, no Cine- Teatro Guairacá, de Dileta Cunha & Filhos, hoje desativado. Na frente do cinema, na avenida Afonso Pena, árvores frondosas ofereciam ambiente favorável para me ocultar, horas mortas da noite, e dali disparar a arma sem ser visto.

No primeiro sábado, fiquei mais de uma hora zanzando por ali, à espera do final da sessão cinematográfica. Por volta das 11 horas, o alto-falante abriu a goela, transmitindo forte a música “Granada”, com a qual era dado o sinal do começo e do final do espetáculo.

Fiquei vibrando. Sufocando a emoção e o nervosismo, posteime, com revólver a punho, atrás do tronco de uma palmeira, na qual me escorei para fazer pontaria.

Sem demora reconheci o Seu Alfredo no meio da multidão que saía da casa de espetáculos. Estava trajado de terno claro, axadrezado. Vinha saindo do cinema conversando com os amigos. Levantei a arma e fiz pontaria.

Aguardei que ele se afastasse dos companheiros, que eu poderia atingir com a bala, sem querer. Mas ele foi andando sempre ao lado das pessoas.

* * *

Desapontado, fiquei águardando o dia seguinte, domingo. Outra decepção. Tudo ocorreu como no sábado. O Seu Alfredo, sempre perto de amigos, saiu e foi seguindo para o café ao lado do cinema.

No outro sábado e no outro domingo, repetiu-se a minha frustração, sempre pelo mesmo motivo. Foram cerca de dez tentativas, em vão.



Resolvi mudar de lugar de espera. Coloquei-me na primeira esquina, diante da loja do Seu Amadeo Scalabrin, escondido no meio da profusão de árvores da avenida. O Seu Alfredo, que nunca faltava ao cinema, veio saindo e descendo a rua acompanhado de sua esposa.

Fiz pontaria. Não sei por que, a mão começou a tremer. Assim a tremer, eu poderia atingir a esposa, coisa que de maneira alguma poderia consentir, pois D. Ernesta foi sempre muito atenciosa e generosa para mirn. Mais um fracasso...

* * *

Ainda com o pensamento em buscar novos meios para atingir meu objetivo, naquela mesma semana sobreveio um fato decisivo nos rumos de minha vida. Fui recolhido à Casa do Menor Abandonado.

Fui para lá, mas não perdi a esperança de assassinar o Seu Alfredo. Por isso, levei comigo o revólver, as balas e a faca. No dia seguinte, temendo vir a ser descoberto com aquele pequeno arsenal, tratei de escondê-lo no mato próximo, pertencente àquela instituição.

Lá no mato, descobri um oco de árvore e nele encafuei minhas armas. Cada semana eu ia lá ver se não tinham desaparecido. De vez em quando, eu lubrificava o revólver e a faca com óleo das oficinas mecânicas, para que não enferrujassem.

Fazia pouco tempo que eu me encontrava internado na Casa do Menor, quando assumiu a sua direção o professor Idílio Biavatti. Era um jovem, solteiro, baixinho, forte, extremamente simpático apaixonado por menores carentes.

No primeiro dia, ao vê-lo chegar, nós até ficamos com certo receio dele. Mas chegou sorrindo e distribuindo balas e frulas para nós. Todos ficamos logo gostando do professor Idílio.

Formado em Técnicas Agrícolas, tratou logo de transformar o vasto terreno da Casa do Menor numa lavoura imensa. Plantou árvores frutíferas, figueiras, laranjeiras, macieiras, pessegueiros e um vinhedo.

A horta que jazia abandonada, transfigurou-se numa sementeira em flor. Com os produtos hortigranjeiros dela, nós abastecíamos os supermercados da cidade.



A seguir, organizou um aviário, com centenas de galinhas poedeiras e de corte. Então, para nós, era aquela fartura de ovos e de carne de frango. Três vacas de leite. Um chiqueirão com dezenas de porcos da raça Duroc e Landrace. Cada três meses, abatíamos um porco de 300 quãos, nos fornecia carne, linguiça, salame, banha e dinheiro.

De toda esta abundância de produtos da lavoura, do pomar, do aviário, das vacas e da porcada, nós é que mais aproveitávamos. Uma fartura colossal! Coisa que ninguém vira antes da chegada deste novo administrador.

* * *

Depois das aulas, o professor nos acompanhava nos trabalhos da terra, ensinando-nos a plantar, a colher milho, batatas, feijão...

Um dia estávamos lá na lavoura junto com o professor Idílio, quando chegaram duas distintas senhoras da direção da FEBEM (Fundação Estadual do Bem Estar do Menor), de Porto Alegre. Vendo ali o professor, trabalhando na terra, com as mãos sujas, cuidaram que se tratava de um empregado qualquer.

- Escute, moço, - disseram elas – por favor, pode nos chamar o diretor?

- Pois não - respondeu o professor. - Vamos entrar.

Elas entraram, sentaram na sala, enquanto o professor ia lavar as mãos, para em seguida, se apresentar.

- Mas é o diretor? - insistiram as duas senhoras.

- O diretor - respondeu humildemente o professor - o diretor sou eu mesmo. Desculpem.

Elas confessaram, depois, que ficaram muito bem impressionadas, por ver um diretor, de mãos sujas, trabalhando na lavoura com os meninos.

Nós ficamos querendo muito bem ao professor Idílio. Era nosso grande amigo. O nosso pai. A nossa mãe. Era tudo para nós. Mas não deixava de ser exigente. Não tolerava abusos e desordens. Depois de um malfeito nosso, vinha logo o castigo, que nós aceitávamos com agrado.

Uma noite depois de nos acomodar no dormitório, o professor foi visitar o pai, que aniversariava naquele dia. Nós, então, aproveitamos a sua ausência para nos divertir. Quando ele retornou, o dormitório estava virado num campo de batalha, cujas balas, de grosso calibre eram os travesseiros.

O professor não gostou. Chamou-nos para fora. Mandou que ficassemos só de calção, todos em fila. E, agarrando um balde de água, nos deu um banho. A seguir, ordenou: E agora, todos lá no mato a carregar para aqui aquela árvore que o temporal derrubou. Amanhã vocês vão transformá-la em lenha.

Lá fomos nós, de noite, uns resmungando: Mas, professor! Na escuridão da noite, a árvore parecia uma enorme folha carregada por formigas, movimentando-se lentamente.

* * *

Uma série de episódios interessantes, ocorridos na Casa do Menor com o professor Idílio, durante o tempo que lá permaneci mereceriam registro. Vai apenas um.

As normalistas da Escola Rainha da Paz costumavam visitar nossa casa, a fim de prestar alguma ajuda, nas aulas, na catequese. Pois uma destas estudantes, aos poucos, foi se apaixonando pelo professor Idílio, que naquele tempo continuava solteiro.

Vai até que um dia ela não se contém e larga na cara dele uma declaração de amor.

- Professor, - disse ela - eu gosto muito de você; mas não suporto vê-lo aqui entre os marginais.

- O quê? - respondeu ele - Marginais? Marginais coisa nenhuma, minha filha. Então você não sabe que estes meninos são filhos da alta sociedade? Sim, senhora, filhos da alta sociedade, embora nascidos quase todos na zona do meretrício! Você quer ver uma coisa?

O professor foi para perto dos garotos, que jogavam bola, e gritou:

- Flávio, venha cá.

O rapazinho de cabeleira desgrehada, suando dos pés à cabeça, chegou correndo e parou diante do professor, ao lado da normalista.

- Minha filha, - falou o professor- está vendo este “marginal”? Olhe bem para a cara dele. Veja os traços fisionômicos. Não é parecido com você? Pois este marginal, minha filha, é teu irmão.

- Que horror, professor! - exclamou a normalista. – Não diga uma coisa destas.

- Sim, senhora, é teu irmão. O pai dele é o teu pai. O teu pai em carne e osso, embora a mãe não seja uma prostituta.

- Ai, professor, não pode ser - respondeu ela, começando a chorar.

Era a pura verdade. Verdade nua e crua, como fiquei sabendo mais tarde. Naquele momento, eu fiquei com pena dela. Aquela distinta normalista sofria ali, diante de todos nós, a mais arrasadora humilhação.

No dia seguinte, ela retornou à Casa do Menor. Veio sozinha, de automóvel. Trazia um enorme embrulho, que entregou ao diretor. Era uma coleção de finíssimos lençóis. Uma dúzia de lençóis, que ela oferecia par nós, os pequenos marginais, um dos quais era seu irmão.

* * *

O professor Idílio gostava muito de nós. Gostava tanto daquele seu cargo, gostava tanto da Casa do Menor, que, um dia, correndo o boato de que a casa poderia cerrar as portas por falta de recursos e da colaboração da sociedade, declarou para o presidente da entidade mantenedora:

- Se a sociedade não quiser colaborar, não será por minha causa que a Casa do Menor vai fechar. Venderei meu carro e uns terrenos que tenho para sustentá-la.

O professor dispunha de uma camioneta Brasília. Era de sua propriedade. Com ela, em várias viagens, nos levava ao centro da cidade. Levava-nos a festas. Levava-nos a missa. Por vezes, leva-nos junto de uma casa em construção para ajudarmos a descarregar tijolos dos caminhões.

Fazia todas as viagens por conta própria. Nunca pedia à entidade mantenedora dinheiro para o combustível. Tudo corria por conta de seu minguado salário de professor.

* * *

Decorrido algum tempo, eu ainda vinha alimentando a esperança sinistra de matar o Seu Alfredo. Volta e meia, ia examinar minhas armas, escondidas no oco da árvore. Elas continuavam lá bem guardadas, à revelia de todo mundo. Nunca falei nada a ninguém a cerca de meu plano diabólico e acerca do revólver.

Certo dia, como fazia sempre aos domingos, o diretor nos levou à missa na Matriz Santo Antônio. Pois aquela missa foi o começo da minha salvação, de minha conversão.

Durante a homilia, Vigário, Frei Mateus Dolzan, da tradicional família Dilzan da cidade, falou a respeito de um assunto que muito me interessou. Falou do valor da vida humana. Falou da preciosidade da nossa personalidade. Disse que ninguém pode tirar a vida de ninguém. A gente não pode tirar a vida de si mesmo nem tirar a vida dos outros. Esse direito pertence a Deus, exclusivamente a Deus.

Fiquei pensativo. Pensativo e preocupado. Então, eu não posso tirar a vida do Seu Alfredo. Não posso, embora ele tenha tentado tirar a minha.

Naquela noite quase não dormi. Não tive mais sossego. Resolvi tirar aquele peso que me esmagava a alma. Resolvi abrir-me para o professor Idílio. Foi o que fiz naquela segunda-feira. Uma segunda-feira histórica.

- Professor, - falei - eu tenho uma coisa importante, muito importante, para lhe contar. Mas estou com medo.

- Com medo de quem, Roberto? Então tu não tens confiança no teu diretor?

- Eu tenho, professor. Mas estou com medo de que aquão que vou contar chegue aos ouvidos de outras pessoas. Gostaria que o professor guardasse segredo.

- Claro, meu filho. Eu tenho obrigação de guardar segredo profissional. Podes ficar descansado, meu filho.

* * *

Animei-me de coragem e fui desenrolando a minha história. O professor ficou ouvindo atentamente. Por vezes, ele sorria e dizia está bem, e depois? Por fim, convidou-me:

- Roberto, vamos lá no mato ver o revólver.

Fomos. Estava tudo em ordem. O revólver, a faca e as balas. O professor, querendo testar a arma, puxou o gatilho e pum! Saiu um tiro forte. Olhei em redor. Não, não havia ninguém por perto.

- Roberto, - falou ele - agora tu ficas rezando, que o professor vai fazer uma coisa importante.

- Professor, - exclamei, assustado - o senhor não vai querer me denunciar?

- Nada disso, meu filho. Por amor de Deus! O professor nunca faria uma coisa tão absurda.

Mas, então, o que é que fez o professor? Pois na noite do mesmo dia, ele foi à casa do Seu Alfredo e contou toda a história.

O Seu Alfredo, ao tomar conhecimento do meu assalto à casa dele, do roubo e da tentativa de homicídio contra ele, enfureceu-se e exclamou:

- Professor, eu quero saber quem é este bandido.

- Calma, Seu Alfredo, - enfatizou o professor, - Este moreninho podia até ser seu filho. E, se você, por acaso não for o pai dele, seja pelo menos o seu padrinho.

- Nem falar professor!

- Seu Alfredo, - tornou o professor - você deve dar graças a Deus por não estar morto. Por isso, você deve ajudar este guri a se recuperar. Eu vou trazê-lo aqui para lhe devolver o revólver.

* * *

Na noite seguinte, lá fomos nós, o professor e eu, à casa do Seu Alfredo. Eu ia com muito receio, em que pese toda a confiança que o professor me dava.

Entramos naquela linda casa de tantas recordações para mim, de tantos sobressaltos. Era a mesma casa, atapetada, florida, linda. Uma suntuosa mansão.

Estamos na sala principal. O professor falava. Falava da sua obra. Falava de outros casos acontecidos com os garotos da Casa do Menor Abandonado.

Eu, em silêncio, refletia acerca das voltas que o mundo dá. Nas surpresas que nos reserva. Que transformação a nossa! Éramos dois inimigos de morte, eu e Seu Alfredo. Agora nos tornávamos amigos...

Eu refletia na radical mudança de minha mentalidade de marginal. Um marginal de revólver em punho, fazendo pontaria para matar. E agora, um manso cordeiro...

O Seu Alfredo, outro valentão como eu, que antes dava tiros de revólver contra os moleque da rua... O Seu Alfredo era agora outro cordeiro. Um leão transformado em manso cordeiro.

Eu não falei nada. Não disse palavra. Por fim, chegando o momento de entregar o revólver, eu queria falar. Queria pedir perdão. Mas não pude abrir a boca. As lágrimas me saltaram em borbotões e me sufocaram a voz.

O Seu Alfredo, ao perceber a arma e a caixa de balas de minhas mãos, deu-me um forte abraço e um beijo. E ele também não resistiu à emoção. Rompeu a chorar feito criança.

D. Ernesta, que também ouvira toda a história, abraçou-me apertadamente, beijou-me sofregamente. Ela estava banhada num mar de lágrimas, ali diante de olhar satisfeito do professor.

Aquele foi o momento mais sublime de toda a minha vida. O momento do perdão e da reconciliação...

* * *

A seguir, disse o professor:

- A faca, Seu Alfredo, eu vou guardar. Vou guardar como recordação desta história, que está acabando lindamente.

- Está bem, professor, - respondeu Seu Alfredo. – Pode ficar com ela. Devo-le muita obrigação.

Imediatamente, o Seu Alfredo puxou da carteira e me entregou dois mil cruzeiros. Dois mil cruzeiros que na época era muito dinheiro.

Dias depois, ele chegou na Casa do Menor e me entregou mais cinco mil cruzeiros. Fez mais. Levou-me a casa Renner e me comprou um bellissimo temo azul-claro. Nunca na vida eu havia vestido roupa tão bonita. Com ela no corpo, eu me sentia gente.

Entretanto, para que eu pudesse me realizar plenamente na vida, o professor conseguiu que eu trabalhasse na agência local da Caixa Econômica Federal.

Estudava de manhã e de tarde trabalhava na Caixa. O gerente desta, intruído pelo professor, dava-me serviço de responsabilidade. Entregava-me dinheiro para transportar a outros bancos. Uma ocasião fui buscar no Banco do Brasil vários milhões de cruzeiros. Tão grande a confiança que em mim depositavam!

Esta escola, a Caixa Econômica, completava minha recuperação e minha formação para as lides futuras. Formei minha personalidade. Tornei-me responsável.

* * *

Eu estava recuperado. Já era um marginal recuperado. Estudei mais algum tempo na Casa do Menor em Lagoa Vermelha. Fui a Farroupilha, uma cidade altamente industrializada, com centenas de fábricas de calçados. Fiz concurso na GRENDENE e fui aprovado. A GRENDENE, fundada em 1971 pelos irmãos gêmeos Alexandre e Pedro Grendene Barteni, é a maior fábrica de calçados do Brasil. Quando eu trabalhava lá foi que a fábrica lançou o seu maior sucesso, a sandália RIDER.

Dois anos mais tarde, fiz concurso numa grande empresa de Caxias do Sul. Fui aprovado com louvor. De empregado passei para o posto de subgerente e sócio. Casei com uma professora descendente de imigrantes italianos, os bravos pioneiros que desbravaram aquele sertão alpestre e levantaram soberbas metrópoles, como Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Farroupilha.

Construí minha casa, uma pequena mansão. Ao lado, mandei erguer uma casinha para minha mãe. Desde que eu comecei a trabalhar na Caixa Econômica Federal, passei a ajudar minha mãe. Fui ajudando, até que consegui retirá-la do inferno da prostituição. Então, como aconteceu comigo, fui levando-a do charco às estrelas, do diabo à Deus,



do inferno ao céu, onde vive feliz graças ao seu filho, que de marginal se transformou num pequeno empresário.

* * *

Mas a minha história não acaba aqui. Falta um detalhe importante, que vai deixar todo mundo de boca aberta. Não posso deixar de contar.

Quando o Seu Alfredo me presenteou com aquele bellissimo terno da casa Renner, fui um domingo visitar minha mãe. Fui bem trajado, com aquela finíssima roupa, presente do meu padrinho.

A mãe ficou muito contente ao ver-me assim tão bem vestido. Mas, como ainda não trabalhava na Caixa Econômica Federal, quero dizer, ainda não recebia ordenado algum, ela quis saber a origem daquele terno.

Até aí eu havia ocultado tudo à minha mãe. Ela ignorava inteiramente o que acontecera comigo, o assalto à casa do Seu Alfredo. Ignorava a pedrada que recebi nas costas. Ignorava os tiros do Seu Alfredo contra mim. Ignorava o furto do revólver. Ignorava tudo, tudo.

Agora está visto, fui obrigado a contar toda a história. Pois a mãe, que ouvia atentamente, fazendo exclamações de horror, quando falei o nome daquele empresário, do Seu Alfredo, ficou perturbadíssima. E começou a chorar.

- Mãe, não chore - disse eu. - Eu estou recuperado. Eu já me penitenciei. Pedi perdão.

- Não, meu filho, não é por isso que estou chorando.

- Por que, então, mãe?

- Por causa do Seu Alfredo.

- O que tem o Seu Alfredo, mãe?

- Pois tu sabes, Roberto, quem é Seu Alfredo?

- Agora ele é ,eu padrinho.

- Não, Roberto. O Seu Alfredo é teu pai. Juro por Deus, ele é teu pai.



O PINHEIRO

(conto ecológico)

Era um belíssimo pinheiro, o estípite reto; torneado a capricho, sem nenhum galho perdido ao longo do tronco, a sombrinha da copa airosamente aberta, redonda, no alto.

Imponente pinheiro araucária, erguia-se ali, altivo, soberano, a 150 metros da BR-285, bem no topo da coxilha, como de encomenda, em missão decorativa.

Posto ali sozinho, no alto da colina, sem outro vulto arbóreo, na imensa desolação dos campos, era uma epopeia estonteante, em meio à paisagem deserta.

A coxilha, bem redonda, redonda como um seio, romanticamente revestida do verde veludo da grama nativa.

Não havia passante que não se empolgasse diante daquele poema bucólico, diante daquele atordoante deleite, daquele pinheiro solitário, sozinho no régio isolamento, derramando poesia na amplidão da campina.

* * *

Fora plantado ali, certamente, por uma gralha azul, quem sabe há quantos anos, cem talvez. A ave, obedecendo a um instinto natural, enterrara ali o pinhão, para comê-lo um dia, depois da safra.

Mas esqueceu o lugar do esconderijo. O pinhão, passando o inverno, germinou. O pinheirinho cresceu humilde, escondido, no meio da grama, para, aos poucos, transformar-se num lírico ornamento da paisagem, daquela paisagem órfã de vegetação arbórea.

Abençoado esquecimento! Providencial esquecimento! Providencial capricho da natureza! A gralha, esquecendo o lugar do esconderijo, cumpria uma nobre missão em benefício de centenas de outras galhas, suas descendentes remotas de futuras gerações.



Acontece que por trás da coxilha, longe, negrejava um viçoso capão, dominado por outros altos pinheiros, fazendo sombra a um olho d'água cristalina e refrescante.

Era ali, ao redor daquela edênica fonte, no chão limpinho, sobre um tapete de folhas secas, que o caçador, vindo em busca de água, costumava descansar.

Pois daqueles pinheiros, durante a primavera, partia, voando nas asas do vento, o pólen fecundante que fazia frutificar o solitário pinheiro, no alto da coxilha, à beira da estrada.

Então, no inverno, era aquela fatura de pinhão. Um pinhão enorme, de meio palmo de comprimento. Agora, as gralhas, aos pares, fazendo algazarra, vinham banquetear-se nos galhos do pinheiro, plantado há tantos anos por outra gralha azul. Pra ver, no que deu aquele esquecimento.

Gralhas vinham aos pares, poucas; mas os papagaios chegavam em bando. Devoravam o pinhão, debulhavam a pinha, deixando cair punhados de pinhões, para um pequeno rebanho de bovinos, que todas as tardes se congregavam ali, ao redor do tronco, aproveitando a substanciosa ração.

A rodovia, de ambos os sentidos, corria reta, bem na direção do pinheiro, antes de formar a curva que contornava a colina.

Então, qualquer transeunte, mesmo o mais insensível, mesmo sem querer, recebia nos olhos aquele tremendo chicotaço de poesia, que era uma mensagem de otimismo, de beleza, de esplendor.

Uma tarde, eu retornava para casa rumo do poente. Vinha cansado, entediado e adoentado. O sol descambava fulgurante por trás dos coxilhões, incendiando o horizonte.

O pinheiro, naquele momento, recortava-se romântico, sublime como uma cruz em T, contra o ocaso em chamas, num espetáculo apoteótico que me transformou fisicamente, espiritualmente, deixando-me num maravilhoso estado de higridez incrível.

Quis, então, levar uma recordação daquele instante de bem-estar supremo e de soberba majestade. Estacionei o carro e colhi, numa foto colorida, aquela emocionante epopeia de esplendor.

Em seguida, observo que um lindo carro azul, com placa de Rio de Janeiro, estaciona também ali no acostamento. Dele salta, festivo e radiante, um jovem casal. O marido, de filmadora em punho, coloca a esposa em cena, contra aquele fundo esplêndido. Faz rodar a máquina e grava um emocionante capítulo da história de sua viagem de lua-de-mel.

Outros passantes, muitos passantes, diante daquela irresistível fascinação, paravam a beira do caminho, para fotografar ou filmar o impressionante espetáculo daquele monumento da natureza.

* * *

Aquela maravilha da natureza, à beira da estrada, merecia continuar ali a deleitar os olhos dos transeuntes, com sua régia presença no meio da desolação da campina. Todos, mas sobretudo o proprietário da fazenda, deveriam zelar com carinho pela conservação daquele inédito enfeite da paisagem deserta, que tanto comovia os viajantes da BR-285, nos Campos de Cima da Serra.

Entretanto, um dia, passando por lá, senti no peito uma tremenda coraçãoada. O lindo pinheiro solitário havia desaparecido. Desaparecera da noite para o dia, misteriosamente, aquele incomparável quadro bucólico, que tão pitorescamente engalanava as margens da rodovia deserta, com sua majestosa presença no alto da colina.

Agora, sempre que passo por lá, densa tristeza toma conta de mim, ao contemplar a coxilha deserta, tragicamente despida de sua finíssima jóia. A indignação, a revolta ruge, então, dentro de mim, contra o crime praticado. Uma raiva terrível contra o autor de tamanha maldade.

* * *

Numa de minhas viagens ulteriores, cruzando por ali, avistei, da rodovia, junto daquele capão, o capão do olho de água cristalina, uma casinha nova, de madeira, coberta de tabuinhas.

Fiquei sabendo, ao depois, que o filho do capataz da fazenda, resolvendo casar, fora quem deitara por terra aquele enorme e lindo pinheiro, para, com sua madeira, edificar o palácio encantado do seu amor.

Com as tábuas de primeira classe, erguera as paredes, distendera o telhado, repartira a cozinha, a sala, os quartos. Com a madeira de

segunda, fabricara a mobília, a pequena mesa da cozinha, a mesa do jantar, a cama, o guarda-roupa, o guardá-louça, os bancos, as prateleiras. Com a madeira de terceira, ainda construíra um pequeno galpão, o galinheiro e o chiqueiro.

Para a construção do palácio do Bonifácio, havia naquela fazenda enorme muitos outros pinheiros. Havia milhares de pinheiros. Mas não havia nenhum tão bonito como aquele plantado pela gralha azul no topo da coxilha, à beira da estrada.

Então, por que o Bonifácio fora logo derrubar o pinheiro que se erguia, altivo e soberano, as margens da rodovia, em missão decorativa, para deleite de milhões de transeuntes na rodovia federal?

Lá fui um dia, disposto a desabafar minha revolta, despejando uma torrente de desacatos contra o Bonifácio, por haver praticado o crime de destruir o maravilhoso pinheiro que fazia o encanto de tanta gente.

Cheguei lá e encontrei o filho do capataz com a Maria muito felizes, bem instalados no palacete construído com a madeira do lindo pinheiro que durante tantos anos, erguido no topo da coxilha, saudava festivamente a todos quantos passavam por lá.

Vendo a felicidade do jovem casal de moradores da casinha, edificada com a madeira do majestoso pinheiro da beira da estrada, esqueci-me da ladainha de desaforos que havia preparado, para atirar ferozmente na cara do filho do capataz. Esqueci-me porque naquele instante passei a partilhar da alegria daquele jovem, vivendo com sua Maria, no macio conforto daquele ninho quente, que ainda exalava o perfume da resina.

Pois é, plantado por uma gralha azul no topo da coxilha deserta, depois de festejar tantos viajantes, depois de alimentar gerações de galhas, papagaios e bovinos, depois de morto, tombado no seu campo de luta, em que enfrentara de peito aberto as fúrias do minuano, cumpria outra bela missão, dando abrigo carinhoso ao jovem casal e, mais tarde, para seus filhos.

* * *

Volvido algum tempo, no topo da coxilha deserta, que durante anos fora o verde pedestal daquele monumento vivo da natureza, começou a crescer um vulto arbóreo diferente: um eucalipto.

Crescendo igualmente sozinho, sem companheiro algum, estendera seus galhos desordenados por todos os lados, revestindo o tronco de cima a baixo, sem outra beleza a não ser a beleza natural de todas as árvores.

Nem galhas, nem papagaios, nem pássaro algum, vinham pousar em seus galhos. Nem bovino em busca de seus frutos.

Era uma planta exótica. Vma planta infrutífera, incapaz de substituir a nobre missão do pinheiro. Uma árvore que nenhuma galha azul plantaria em solo brasileiro.



O NHANDU

Valentim soltou um suspiro de exultação. Pulou de contente. Até que enfim iria realizar o seu sonho, o grande sonho de caçador. Uma caçada de veado no campo. Quantos anos esperando, hem? Tudo porque o pai não ia com caçadas de guri. Caçador, só gente grande.

Atílio Rodighieri, o pai, fora um dos fundadores da cidade gaúcha de Marau, juntamente com a família Borella, a fundadora da importante indústria de óleo de soja, que depois passou para o grupo Perdigão. Moço, ainda, Atílio imigrou de Veranópolis. Embrenhou-se nos matagais de Passo Fundo, em rocambolesca aventura enfrentando perigos de toda a sorte, dormindo ao relento, à mercê das feras, vivendo, muitas vezes, quase exclusivamente de caça e pesca, como bugre.

Foi o que lhe valeu trazer nas veias o sangue aventureiro dos caçadores. Até então vira apenas caça de mato: macucos, jacutinga, inhandu, pomba e muito bicho de pelo. Campo, caça de campo, só ouvira falar.

Marau é beira de campo. Campo de muita caça naqueles tempos. Atílio aprendeu logo a caçar perdiz, perdigão e veado. Em quatro paletadas, virou o maior caçador da paróquia. Difícil, quase impossível para ele errar um tiro em perdiz.

E como sabia caprichar com as armas! Sua casa parecia um arsenal de guerra. Apesar disso, durante anos, naquela casa, quem tocava nelas era apenas ele, o pai da família. Os filhos só podiam olhar para aqueles espingardões de dois canos. Olhar, sonhar, ficar com água na boca. Não adiantava insistir. O velho era mesmo irredutível. Guri não toca em arma.

Ao completar 17 anos, Valentim teve licença de dar o primeiro tiro. Tiro certo em perdigão. Ótima estréia venatória. O rapaz saía ao pai.

* * *

Então, naquele domingo, ia tomar parte na primeira corrida de veado. A turma levantou cedo. Missa no convento dos capuchinhos, que a primeira da matriz era tarde.



E a camioneta roncou, rumeando para as bandas do campo. Cinco caçadores e três cachorros veadeiros, estes sempre latindo, mortinhos por se atirar no rastro dos pardos e virás.

Valentim ia num alegrão sem fim, falando muito, perguntando tanta coisa. Chegava a tremer, tão louco que andava por encetar a aventura.

A caçada era no Tope, na divisa com Soledade. Cruzaram o rio Taquari e meteram-se pelo campo, que abria no meio de grosso pinhalão.

No alto do primeiro coxilhão, meia dúzia de avestruzes, pastando, recortavam-se contra a claridade do horizonte, onde o sol acabava de assomar.

- Não se pode caçar avestruz, pai? - perguntou Valentim.

- Claro que não se pode. E proibido por lei. Por que matar esse bicho inocente? Depois, a carne não presta. Só pra fazer sabão. O nhandu limpa o campo. Mata cobras, come insetos, gafanhotos. Inimigo número um dos gafanhotos.

- Mas eu, pai, qualquer dia vou pegar um vivo para criar em casa - esclareceu Valentim. - Matar, a gente não pode, mas pegar vivo pode, não é?

- Você, Valentim, pegar avestruz vivo... é forte.

- Vai ver, pai, que algum dia eu vou laçar um bem grande. Vou pegar um casal pra fazer criação...

- E para tirar as penas - acrescentou o pai. - Penas de avestruz são preciosas. Servem para colocar nos chapéus das mulheres, fazer espanadores... Os índios enfeitam seus cocares, suas tangas.

Valentim calou-se. Ficou pensando em como poderia pegar um nhandu vivo. Se desse jeito, pegaria ainda naquele dia.

O carro desceu o lançante. Cruzou a restinga de mato. Bandeou a sanga e enfiou-se pelo corredor. Um Corredor sem fim. Chanchãs piavam, assanhados, pulando de palanque em palanque. Na tronqueira, um ninho de João-de-Barro.

De repente, uma perdiz na estrada. Luís boleou a pema. Andou um pouco. Súbito, estoura a ave. Pum! Valentim, de um salto, passou o armado e, todo importante, trouxe a caça, que foi destripando.

Um casal de seriemas, de bico erguido, fugindo. Quero-queros dando seu grito de alerta. De repente, exclama Valentim:

- Olhem um avestruz no corredor. Vamos pegá-lo. Toca, toca, Pedro. Apura.

A camioneta acelerou. O nhandu gambeteava zonzo. Tentou debalde passar a cerca de arame. Depois, aprumou o corpo e disparou num trotão galopado, esparramando as asas. o velocímetro do veículo marcou 50 km a hora, quando a ema já se encontrava a dois passos do carro.

- Não mate, Pedro. Vamos cansá-lo. Depois pegamos vivo.

No percurso de dois quilômetros, o motorista manteve 50 à hora. A ave, sempre naquele trotão, bombeando para trás, de esquelha, a cabeça de cobra pra cá e pra lá, pra cá e pra lá.

- Não tem vergonha, bicho? - gritou Valentim, vendo as pernas compridas e nuas do nhandu. - Parece essas meninas de saia curta, deixando a mostra as calcinhas.

Assim que a ema ouviu esta reprimenda, despeitada ou envergonhada, tratou de pôr-se a fresco, atirando-se contra o alambrado. Forcejou, forcejou, e, por fim, passou, agarrando o campo, floirito nomais.

O carro parou, feito bobo, pois a ave já ia longe. Deixa estar, nhandu de uma figa. Qualquer dia eu te pego - disse Valentim.

* * *

Uma vez, nos Três Pinheiros - contou o pai - encontrei no corredor com um avestruz com uma grande ninhada de filhotes. Uns vinte, pelo menos. Parei o carro. O Brás e o Egídio Ferronato apearam e se largaram de atrás. Queriam pegar um filhote vivo. Parecia fácil. Fácil nada. Os bichinhos se distanciaram. A mãe cruzou o alambrado e o bando se desguaritou pelo campo.

- Vinte filhotes, pai? - Não faz por menos?

- De vinte a trinta. Mas outra vez que eu andava a cavalo no campo de Passo Fundo, vi um avestruz com uns doze avestruzinhos, bem pequenos. Uns cinco dias de vida. Larguei o cavalo a correr de atrás. O

avestruz grande se viu louco. Esparramando as asas, corria de um lado pra outro. Naquão, que e que eu vejo? Dois caranchos de penacho baixaram e pegaram dois nhanduzinhos.

- Não diga, pai!

- Pois é, Valentim. O gavião de penacho persegue. Se o avestruz grande se descuidar, zás, pega e come os filhotes.

Eu preciso contar - prosseguiu o Seu Atílio - um caso muito interessante, que aconteceu com o comerciante Dionísio Slaviero, ainda quando era motorista do caminhão do Ginásio Duque de Caxias, em Lagoa Vermelha.

- Como foi, pai? Conte - pediu o Valentim.

- Pois um dia o Dionísio foi caçar pombas carijós na granja do Luis Tramontini, que é poderoso agropecuarista de Lagoa Vermelha e da Bahia. Ele foi caçar junto com os padres do ginásio.

Dionísio estava escondido dentro de uma casinha de galhos de árvores, a espera das pombas que sentavam perto da chama posta no meio da granja. De repente, ele ouve um barulho estranho. Vira a cabeça e vê, por entre a ramada, a cabeça de uma cobra enorme, pronta a dar o bote. Levou um susto e não teve dúvidas. Desferiu um tiro.

O bicho rolou com aquele barulhão. Ele sai da casinha e vai ver. Não era cobra nenhuma. Era um avestruz. Matou por engano, pensando que era cobra.

- Essa não, pai. Verdade? - perguntou o filho.

- Verdade. Mas, para não perder aquela enorme caça, o Dionísio e os padres resolveram pregar uma peça às freiras do Hospital São Paulo, que ficava ao lado do Ginásio Duque de Caxias. Depenaram a ave, retirando os quartos, que levaram para casa e entregaram no hospital, declarando tratar-se de carne de veado, que deviam assar,

As cozinheiras assaram os dois quartos. E as Irmãs com todas as funcionárias comeram, achando a carne muito saborosa. A Ir. Manoelita disse então ao Dionísio: Quando tiver mais carne de veado como esta, traga para nós, pois é muito gostosa.

Passado um mês, o Padre Leopoldo foi lá no hospital e disse para a Ir. Manoelita: Irmã, aquela carne de veado que comeram e gostaram sabe de que era? Era carne de avestruz.

Pois a Ir. Manoelita declarou que naquele instante, um mês depois, teve vontade de vomitar...

Acontece que ela achava que carne de nhandu não presta para comer...

- Pai, - falou Valentim - é verdade que nhandu come cobra?

- Ah, come! Uma vez eu vi um nhandu com uma baita jararaca deste tamanho. Pegou e saiu com ela de arrasto. Foi engolindo aquela enorme língua.

- É por isso que a gente não deve matar. É um benfeitor dos campos.

- Mas, viu, Valentim? O avestruz come de tudo. Tudo o que brilha ele come. Pedra, caco de vidro, dinheiro, relógio. Em Esmeralda, encontrei um dia o esqueleto de uma ema. Lá estava uma pedra. Ia digerindo no estômago. No Capão Bonito me contaram que um avestruz engoliu um relógio de bolso.

- E digere?

- Digere tudo. Relógio, libra esterlina, anéis. E sabe que é perigoso criar avestruz em casa?

- Por quê?

- Ele chega perto da gente, arranca os botões da roupa e mete o bico nos olhos das crianças.

- E o Valentim ainda quer pegar um vivo.

- Ah, pego! Mas eu cuido bem dele. Deixo fechado na mangueira.

- Vocês já viram ninho de nhandu? - perguntou Seu Atílio.

- Eu não. Como é? - perguntou Valentim.

- Faz o ninho numa cova de touro. Sem palha nem gravetos. Às vezes é mais de um avestruz que põe no mesmo ninho, como as galinhas. Já vi ninho com mais de vinte ovos. Um dia tirei um ovo. E sabe o que

aconteceu? O avestruz esparramou com tudo. É só a gente tocar nos ovos, não precisa tirar. O bicho não quer mais nada.

- Que bobo, não é?

- Quando o nhandu está pondo ou está chocando, solta uma espécie de resmungo. Um resmungo assim como de rês atolada no banhado. E quando está chocando, não sai do ninho fácil. Quer dizer, ele sai para pastar durante o dia. Mas se a gente chega perto, não se mexe. Se a gente vai bulir com ele, a ave se atira de atrás, esparramando as asas e batendo o bico.

- Quanta coisa a gente aprende, não é pai?

- É também muito interessante como o avestruz arranja comida para os filhotes no ninho. Deixa um ovo fora. Quebra com o bico. Aí vem aquele mosqueado, que os nhanduzinhos vão comendo.

- Pai, quantos dias os filhotes ficam no ninho?

- Poucos. Uns dois ou três. Já saem a procurar comida pelo campo. Mas vocês sabem o que o avestruz faz para defender o ninho do fogo quando queimam o campo? Ele faz o ninho perto de um rio ou de uma lagoa. Quando queimam o campo, ele vai à água, molha as asas e vai regando a grama ao redor do ninho. Faz várias viagens para molhar bem a grama.

* * *

Chegaram. Acamparam num lindo capão, onde um olho d'água borbulhava límpido e festivo. Descarregaram a bagagem, a carne para o churrasco. Amontoaram lenha e acenderam o fogo.

- Pedro, - explicou Atílio - você, enquanto prepara o churrasco, fica de espera por aqui. Quando a cachorrada der o sinal, já sabe, o veado vem vindo. O lugar aqui é muito bom.

E, voltando-se para Valentim:

- Você, que é recoluta, fica de espera no desfiladeiro. Eu vou com você até lá para mostrar onde é.

Saíram. Os cachorros, amarrados, inquietos, mortinhos por se verem soltos. Lá adiante, entre duas coxilhas de pedras, guamirins e

aroeiras, abria-se o desfiladeiro. Uma garganta estreita, passagem obrigatória de veado corrido.

- Valentim, - diz o pai, chegando à boca do desfiladeiro. - Aqui é a tua espera. O pardo passa por aqui e você pode até pegá-lo à unha. Já sabe: quando a cachorrada der de acoar míudo, ligeiro, meio chorado, é pardo ou virá, na certa. Você, metido nesta reboleira de guamirins, fica bombeando a boca do desfiladeiro. Deixe que o bicho se aproxime, ouviu? Ele é obrigado a cruzar por aqui. Entendeu?

- Entendi, pai. Pode deixar por minha conta. Hoje eu vou pegar o pardo a unha.

- Não faça muito alarde, rapaz, que você ainda é capaz de acabar caçado pelo pardo.

- Não tenha medo, pai.

- Vamos ver.

* * *

Largaram os cachorros, um aqui, outro acola e o terceiro longe perto do banhado. Sumiram num instante, numa corrida louca, farejando pelo campo, pelas restingas, entre os caráguas...

Não demorou muito e os latidos reboaram, festivamente. O coração de Valentim pôs-se aos pinotes. Destravou a espingarda. Colocou-se em posição estratégica. Agora pode vir, pardeco de uma figa!

Dez minutos de irritante expectativa. Os latidos, amudando, longe. Mas nada de pardo, nada de virá, nada de nada.

Já o rapaz, cansado e desiludido, estava para deixar aquele local de espera, quando de repente nota um vulto correndo em direção do desfiladeiro. Não era veado, não. O que havia de ser então? Ora, nada mais, nada menos que um enorme avestruz. O pobrezinho, acossado pela cachorrada, vinha gambeteando a toda.

Valentim falou com seus botões: eu não disse que era hoje? É agora mesmo. Como não? Aprumou-se. Dependurou no ombro a espingarda pela bandoleira. Arregaçou as mangas. Pode vir, nhandu. Vou te pegar a unha. Melhor nhandu vivo que pardo morto.

Dois minutos apenas e um barulhão que parecia vendaval. Valentim priscou ágil que nem cachorro. Caiu-lhe em cima de rijo, atracando-se numa luta titânica. Passou a mão pelo pescoço e a outra pelo corpo lisinho de penas. Mas quem é que pode com a força maluca do nhandu, assim nomais?

Foi brincadeira. O avestruz deu um bruto saão e levou o moço de arrasto como guaipeca grudado em focinho de touro. Andou uns metros de rojo. Depois, um violento safanão, e a bicha se foi a la cria, desvencilhada das garras do caçador, deixando-o estendido no chão, apertando entre os dedos um punhado de penas... Ora veja, lá se foi o meu sonho! Todo o meu dourado sonho de pegar um nhandu vivo...

* * *

Mas isto não foi nada. O pior vem agora. Quando Valentim passou o braço em volta do pescoço da ema, caiu-lhe do ombro a espingarda, que foi se enfiar pelo pescoço da ave, parando no corpo volumoso.

E agora? O moço levantou-se. Viu o nhandu fugindo na disparada com a espingarda a tiracolo. A princípio, o rapaz esperou que a uma caísse. Cair nada. Encontrava-se bem presa que nem carrapato em lombo de boi.

Valentim saiu correndo, num desespero sem fim. Ai, a minha espingarda!... O avestruz agarrou o campo limpo e se mandou naquele trotão desengonçado, fazendo figas para o rapaz, que corria atrás, feito louco, soltando os bofes, coitado. Corre-que-corre, corre-que-corre... Por fim, meteu a boca no mundo, gritando para, os companheiros:

- Socorro! Atirem. Atirem. Fogo! Fogo!

Os companheiros, ao deparar com aquele gozadíssimo espetáculo, romperam a rir as bandeiras despregadas:

- Essa é boa! O nhandu fugindo com a espingarda a tiracolo, espingarda do Valentim, quá, quá, quá!...

E o rapaz, fulo de raiva:

- Atirem. Atirem, bocós. Levou a minha espingarda. Atirem. Fogooo.

O pai e os demais caçadores estavam deitados no chão, não podendo mais de tanto rir: essa não! Essa ninguém imaginou ainda: quá, quá, quá.

Em quatro valentes gambeteadas, o avestruz ganhou o campo largo, muito a vontade, lampeiro, espingarda a tiracolo, como um grande caçador...

- Pronto! Se foi a minha espingarda. Santo Antônio, valei-me. Valei-me, Santo Antônio.

A esta altura, já no alto do coxilhão, perto do alambrado, a ema ouviu a jaculatória do rapaz e jogou-se contra a cerca. Forcejou em vão para passar. A espingarda enroscou-se, trancando. Fez mais um supremo esforço, com tanta violência, que partiu a asa. E lá se foi o pobre nhandu, com a asa de arrasto. Mas a espingarda caiu junto da cerca, para consolo do desesperado rapaz.



O ÉBRIO

Hitória real, embora romanceada, baseada nos livros do Pe. Mateus, apóstolo do Sagrado Coração de Jesus.

O namoro surgiu de repente, sem preâmbulos, sem comentários. Namoro violento, prometendo casamento logo de saída.

Foi durante uma excursão de estudantes ao Taimbezinho, no Parque Nacional dos Aparados, no município gaúcho de Cambará do Sul. No ônibus, sentaram, por acaso, na mesma poltrona, ele ao lado dela. Conversa animada. Aneotas. Piadas. Cânticos, que toda turma acompanhava, desafinada, numa algazarra infernal.

Os estudantes da simpática cidadezinha de Cambará do Sul, à noite improvisam um bailão no clube, em homenagem aos colegas visitantes. Todo mundo viu, então, a Lenita e o Pedro, agarradinhos, durante todo o baile.

A seguir, durante a visita à maravilha do Taimbezinho, naquele recanto poético, beirando o grande abismo, no gramado coroado por lindos e altos pinheiros, ambos sempre de mão dada.

Ao voltar para casa, altas horas da noite, sempre juntinhos, agarradinhos, ocupando os mesmos lugares no ônibus, saltava aos olhos de todos aquela violenta paixão.

A Otilia gostou. A Leni ficou com ciúmes, ela sempre infeliz em todos os namoros e tentativas de casamento. Mas a Loreci rosnava: Esse namoro não presta. A Lenita, namorando aquele borracho... Se casar com ele, será a mulher mais infeliz do mundo, vivendo ao lado de um tremendo alcoólatra...

Um fia brigaram. Alguns colegas ergueram as mãos para o céu: Graças a Deus! Que sorte tem a Lenita! Parecia mesmo que ia casar com aquele bebedor...

Mas as hostilidades duraram apenas duas semanas. E o namoro recomeçou ainda mais violento, trazendo decepção para a Loreci e muitas outras colegas.



Brigaram de novo. Depois, fizeram as pazes. Outra briga. Quantas vezes? Ninguém mais sabia ao certo. Eram tantas!

Afinal, o que foi que aconteceu? Ora, o que é que havia de acontecer? Noivaram. Noivaram. E tomaram a brigar. Mas a paz voltou e marcou-se o dia do casamento.

A Teresinha, da mesma turma da Lenita, falou sem reboços:

- Lenita do céu! Você pensou bem? Já imaginou o seu futuro, vivendo ao lado de um bebado? A vida inteira. Se eu fosse você, já teria acabado com tudo.

- Teresinha, - respondeu Lenita - o Pedrinho é igual a todos os moços de sua idade e de sua condição social. Todos bebem como ele. São coisas da idade. Ele já me prometeu que após o casamento não beberá mais.

- E você acredita, Lenita?

- Acredito. Em todo o caso, eu cuidarei dele. E você não tem nada de se meter com a vida alheia, tá legal?

- Escute, Lenita. Eu não desejo que um dia alguém lhe diga: boba, quem mandou você casar com um borracho?

* * *

Casamento soleníssimo, o mais solene dos últimos anos. Mais de trezentos convidados. O prefeito, o delegado, o juiz de direito. Toda alta sociedade. Convite do Pedrinho, convite arrojado, concebido no fogo da bebedeira.

Ao meio dia, o noivo já andava chumbeado, cambaleando.

Ainda bem que durante a cerimônia religiosa na igreja se manteve firme em pé, porque, no civil, foi uma autêntica palhaçada.

Mas o melhor aconteceu durante a festa, no Clube Comercial. A certa altura, o Pedro entrou a discursar, inflamado. Dizia besteiras contra os dois padrinhos que não compareceram. Rogou-lhes pragas. Proclamou que preferia casar no mato ou ficar solteiro o resto da vida, trabalhando de engraxate ou vendedor de bananas.

Tinha rasgos de energúmeno. Gesticulava violentamente. Chorava. O diabo... A Lenita, envergonhada, fugiu a esconder-se num quartinho, sacudida de soluços.

O prefeito municipal tentou salvar a situação, usando de sua palavra autorizada, para saudar o jovem casal. Mas, o Pedrinho, aparteando, interrompia-lhe o discurso a cada passo.

Os convidados, todos os convidados, foram debandando. A festa acabou cedo, deixando assunto obrigatório em toda a cidade por longas semanas.

* * *

Durante quinze dias, ninguém viu os recém-casados, que andavam por longe, escondidos, em sua viagem de núpcias, curtindo sua lua-de-mel.

Voltaram. Vexadíssimos, não ousavam aparecer em público. Findo o mês de férias de gala, Lenita, que já havia ingressado no plano de carreira do magistério, retornou a lida das aulas. O Pedrinho reassumiu o emprego ao balcão da loja.

Dava pena de ver o constrangimento dos coitados. Aquele tremendo fiasco, no dia que realizavam o sonho de sua felicidade, para toda a vida, jamais se apagará da lembrança dos moradores da pequena cidade serrana. O caso era tão lamentável, que pouca gente se atrevia a comentá-lo.

A Lenita não se conteve. Cantou as verdades para o marido, que logo no primeiro dia faltava tão sacrilegamente ao juramento. Ameaçou divorciar-se.

Pedro não ligou às zangas e ralhos da esposa. Ele já a conhecia muito bem. Se hoje brigava, amanhã o adorava. Cobria-o de beijos, de carinhos. Segredava-lhe palavras amáveis. Jurava não existir marido mais encantador do que ele...

Decorrido um mês, um mês de harmonia e felicidade, Pedro, até aí abstinente, regressou uma noite, altas horas, fedendo a cachaça e vinho, cambaleante. Lenita não se conteve. Atirou-lhe na cara guincho aterrador, desabafando a insopitável indignação. Ora, quem diria? Logo agora que parecia regenerado.



Ele acobardou-se. Mansinho, carinhoso, aproximou-se da esposa. Tentou beijá-la. Lenita, enjoada, assentou-lhe sonora bofetada na cara, tão violenta que o miserável, já mole e sem equilíbrio, rolou pelo chão, num tombo espetacular, fazendo estremecer a casa.

- Toma, canalha! - exclamou ela. - Tu fizeste promessa de não beber mais. E eu fiz promessa de te quebrar a cara. Toda a vez que voltares embriagado, levarás uma sova de criar bicho, ouviste bem? Se tu não sabes cumprir a promessa, eu sei.

Trabalho perdido. Lenita perdia seu tempo inutilmente. No dia seguinte, Pedro regressou de madrugada, ébrio como um bote. A mulher quis agredi-lo, mas ele se defendeu. Derrubou cadeiras, quebrou pratos, copos, tigelas. Fez o diabo.

Daí por diante, o inferno mudou-se para aquela casa. Todas semanas, absolutamente todas, aos sábados e domingos, mugia o pandemônio.

Na rua, fazia Pedro o ridículo papel de palhaço. Às vezes, caía e passava a noite dormindo na sarjeta, cozinhando a bebedeira. Outras, um companheiro de infortúnio o levava para casa, aos tombos. Na próxima oportunidade, Pedro, menos embriagado, retribuía o obséquio conduzindo o benfeitor para sua casa.

A polícia já cansara de prender a infeliz vítima do alcoolismo. Agora nem mais se incomodava. Andar atrás de ébrios incorrigíveis era lavar burro com sabonete. Perde-se tempo e sabão.

O povo, sobretudo a gurizada, divertia-se à custa de Pedro. Suas extravagâncias eram famosas. Alguns casos constituíam legítimas piadas de palco, podendo enriquecer um anedotário.

Uma linda noite de lua cheia, Pedro ziguezagueando pelas ruas, vai até que dá com outro companheiro de taberna. Fala-lhe, então: - Escute, amigo, você pode me dizer uma coisa? Aquão ali no céu é o sol ou a lua?

- Oh, compadre, - responde o outro bebado - você me desculpe, eu não sou daqui. Não posso informar.

O guarda, uma noite, viu Pedro tentando em vão colocar a chave no buraco da fechadura da casa.

- Escute, - diz o policial - não quer que o ajude a enfiar a chave?

- Não - responde Pedro - eu queria que você segurasse a casa que não para quieta.

Numa ocasião, fora ele a cavalo a uma festa campeira no Capão do Cipó. Por volta da meia-noite, alguns gaitos resolveram aplicar uma lição naquele borracho, preparando-lhe uma cilada. Colocaram os pelegos do seu cavalo sobre a taipa de pedra que cercava o clube. Conduziram-no até perto e obrigaram a montar, montou, meteu as esporas, vibrou o relho, e o “cavalo” ali, imóvel.

* * *

Infeliz esposa, que, além de aguentar o cruel martírio, sofria o oprobrioso vexame perante a sociedade. Muitas vezes pensou em separar-se do marido. Todavia, tinha personalidade. Recordava, com mágoas, o desprezo que dera aos conselhos das amigas, quando solteira. Ia, por isso, suportando calada, agoniada, desbaratada. Já nem mais batia no marido embriagado, evitando, assim, piores consequências.

Os anos foram rolando, lentos e amargos, trazendo ao fim de cada tarde o prenúncio de uma noite de agonia. Nasceram quatro filhos, todos com algum defeito ou tara - triste herança daquele vício.

Lancinava a alma o sofrimento da pobre Lenita. Por fora de sua casinha de bairro, a natureza cantava, envolta na poesia de altivos pinheiros da pracinha. Ao cair da tarde, a terra sorria ao espetáculo do funeral do sol, morto como um justo, aureolado de fulgurações de ouro.

Os campos, além, exalando hálito de lilás e violetas, adormeciam ridentes em leito perfumado. As coxilhas, diluindo-se em manto opalino, evaporavam-se em sonhos, extasiados pela lua... Nas casas em todos os lares, as famílias sentavam à mesa farta. Nos salões, dançava-se alegremente...

Só na casa da professorinha rondavam sombras sinistras. Ao jantar, os filhos mordiscavam côdeas de pão amassado com lágrimas. A perspectiva da noite de insônia anunciava terríveis sofrimentos...

Lenita perdera toda a esperança de recuperar o marido mediante recursos humanos. Voltou-se, então, para os ceus, confiando-lhes o milagre da cura do Pedro. Orava, orava. Uma novena após outra.

Comunhão quase diária. Durante as Missões, pediu aos pregadores que martelassem contra o alcoolismo. A pedido, o Pe. Eliseu, famoso pregador da época, proferiu, então, uma de suas melhores peças oratórias sobre o tema, chegando a arrancar lágrimas dos duros corações viris.

Longa exposição das candentes verberações da Bíblia, dos escritores sacros e profanos, contra o execrando vício do álcool. Corroborou a lição com terríficas exemplos de famílias infelizes, de lares desmantelados, de crimes hediondos, de acidentes de trânsito...

Os ouvintes prometeram, juraram fugir e combater a embriaguez com todos os meios possíveis. Pedro, entretanto, permanecia indiferente, frio, gelado.

Lenita viu, assim, frustrada mais esta bela oportunidade de converter o marido, que agora deu de beber todos os dias. Noites de martírio! Pedro transformara-se em carrasco. Espancava a esposa e os filhos. Faltava com frequência ao serviço da loja. Até que, enfim, a firmã o despediu definitivamente... Pior ainda. Pedro agora vivia na taberna...

* * *

Será que Deus não me atende? - chorava Lenita. - Sera que tanta prece, tanto sofrimento, não merecem a conversão do meu marido?

De tanto rezar, de tanto pensar, um dia surge-lhe uma ideia, uma ideia brilhante. Pediria socorro às freiras da vizinha cidade, no Colégio São José, cuja diretora, Ir. Gema, fora sua diretora na escola normal. Expôs à religiosa todo o seu terrível drama, a sua trágica situação, toda aquela incrível tragédia.

A freira comoveu-se, chegando a chorar, acompanhando as lágrimas de sua antiga aluna. Condoída, prometeu as orações de toda a comunidade.

- Irmã, - pediu Lenita - talvez a senhora possa, além das orações, apresentar algo prático, urgente, para solução de meu problema. Gostaria que Pedro ficasse internado aqui no colégio durante uns dias, sob os cuidados das Irmãs.

- Pois não, Lenita, - respondeu a Ir. Gema. - Nós podemos recebê-lo como empregado, para trabalhar na horta, na carpintaria. Cuidaria das

galinhas, dos coelhos... E nós vigiaríamos cuidadosamente para que ele não saia à rua para beber.

- Oh, Irmã, - exclamou Lenita erguendo os olhos para o céu. Seria uma grande graça para ele e para mim. Se ele concordasse..

Reze, reze Irmã, para que ele aceite vir ficar aqui alguns dias.

- Deus dará um jeito, querida Lenita. Pode ficar descansada.

A professora voltou para casa radiante. Com muito jeito, falou ao marido acerca do convite da Ir. Gema. E ele – pasmem! - aceitou com muito prazer. Carecia trabalhar e ganhar algum dinheiro. Pois já andava apreensivo por falta de dinheiro. A taberna não fiava. E poucos eram os tragos oferecidos pelos companheiros.

Principiava agora nova vida para aquele incorrigível alcoólatra. Confinado naquele ambiente de paz, longe da taberna, Pedro trabalhava descansadamente na horta, na carpintaria, tratava as galinhas... Alimentava-se bem. Às refeições, as boas Irmãs serviam-lhe meia garrafa de vinho, que ele escorropichava lambendo-se, gulosamente. Aos sábados, recebia um dinheirinho, em pagamento de seus serviços.

Dormia num quartinho contíguo à sacristia. Um quarto pequeno e com pouca claridade. À noite, a superiora fechava a porta a chave, afastando para ele qualquer tentação de fuga rumo da taberna.

Pedro foi se acostumando a vida solitária do colégio. Lamentava apenas a falta da cachaça. Sentia uma saudade infinita. Passava boa parte do dia e horas da noite pensando na branquinha e nalgum jeito de chegar até ela.

Às vezes, em meio aos violentos desejos de voltar a beber, refletia com seus botões: é uma tirania, uma escravidão abominável! Coisa terrível o vício! Nada mais triste do que um homem escravizado pela paixão do álcool. Um tigre, um leão, miseravelmente arrastado por mesquinha cabrita...

Estas sadias reflexões, infelizmente, desapareciam imediatamente, sem deixar rastro. Pedro voltava logo a pensar na pinga. Não tinha mais sossego. O canto da sereia o fascinava. A taberna o convidava sedutoramente, irresistivelmente.



Ao cabo de duas semanas, após continuo matutar em busca de soluções, ele descobriu o caminho da tasca. Que alegria lhe trouxe a sensacional descoberta! Tardavá-lhe o momento de chegar aos lábios ardentes o copo embriagador!

* * *

A parede do quarto, no lado da sacristia, decerrava no alto uma janelinha envidraçada, por onde se coava a claridade para iluminar o pequeno recinto. Por aquela abertura, com jeito, passaria um ladrão. Pedro passaria também. Por aquela janelinha, pularia para a saristia e daí para a capela, cuja porta central para rua ficava de noite trancada por dentro sem chave nem cadeado. Apenas uma grossa tranca, fácil de remover.

Não hesitou. Horas mortas da noite. As religiosas dormiam o sono dos justos. Profundo silêncio dominava o imenso casarão... O coração aos pulos, encostou a mesinha a parede, sobrepôs a cadeira, formando uma escada, cujos degraus galgou nervoso. Enfiou a cabeça pela janelinha aberta. Apoiou as mãos, os braços, e, a custo, arrastou o corpo. Foi se esgueirando, escorregando o ventre. Das calças saltou um botão que tiniu sobre a mesa. Descansou um bocado ofegante. Recobrou o ânimo. Mais alguma ginástica e pronto.

Na parede da sacristia, bem abaixo da janelinha, pendia enorme Cristo de madeira. Fortemente preso ao muro de alvenaria, estava ali aquela escada providencial para ele. Estava tudo dando certo pensou. - Colocou os pés sobre a cabeça da imagem, que resistia galhardamente ao peso. A seguir, firmãdo-se com os braços na beirada da janela, foi descendo de costas, as mãos no vértice da cruz. Seus pés, descendo, acabaram firmãdo-se sobre os pés da imagem de Nosso Senhor. Por fim, firmou os pés no genuflexório apoiado à parede, sob o crucifixo. Fácil, fácil a subida. Fácil a descida. Tudo parecia convidá-lo para o bar. Até Cristo, com sua imagem, dava-lhe uma mão, com aquela escada posta ali como de encomenda.

Entretanto, forte arrepio perpassou-lhe pelo corpo todo ao pensar no sacrilégio que acabava de praticar, calcando os pés a sagrada imagem de Cristo. Mas o escrúpulo foi logo abafado pelo pensamento da taberna. Da sacristia entrou na capela pelo presbitério. A lâmpada votiva do Santíssimo palpitava de dor derramando raios de sangue, tingindo o altar



com tênue claridade. No ar viciado, pairava perfume de flores, misturado com cheiro de cera queimada e azeite.

Pedro dobrou o joelho em rápida genuflexão mal feita, evitando levantar os olhos para o sacrário, temendo que um raio de luz ou alguma voz misteriosa lhe chamasse a atenção contra o pecado que ia cometer.

Atravessou o corredor entre as filas de bancos da nave central. Chegou à porta. Ergueu a tranca de ferro. Abriu sem ruído. E ganhou a rua num pulo, triunfalmente. No primeiro boteco, sorveu um copo de cachaça, sofregamente, gulosamente, lambendo-se.

Voltou embriagado. Foi, por isso, dificultosa a escalada da parede, sempre calcando os pés a sagrada imagem de Cristo, impregnando-a com a fedentina do álcool.

* * *

Agora, todas as noites, a mesma hora, no silêncio do casarão, repetia a aventura e o sacrilégio. Por vezes, sentia repugnância e remorso. Enfim, a consciência calejou. Descia tranquilamente por aquela escada divina rumo à tasca como se andasse pela rua em direção à igreja, cumprindo um dever religioso. A alma e o coração a vibrar de alegria.

Vai senão quando, uma noite de sexta-feira, Pedro experimenta nervosa palpitação ao pisar sobre a imagem de Nosso Senhor. Depois, diante do altar, a sensação de mal-estar recrudesce. Tem medo. Treme. E - coisa estranha! - faz o que até então nunca fizera: ajoelha e reza.

Dirige-se ao bar inquieto. Beberica apenas um traguinho, às pressas. Volta cedo. Vago pressentimento anuvia-lhe a mente, e uma angústia infinita oprime-lhe o peito. Misterioso, aquilo! Estaria sendo descoberto com a botija na boca? As freiras teriam notado algo?...

Na igreja, outra vez aquela ânsia, ânsia de rezar, de pedir perdão ao céu. Ajoelha-se. Tenta balbuciar as palavras do Pai-Nosso. As palavras trancam-lhe na garganta. Uma angústia estranha, esmagadora. Senta num banco. Apoia a cabeça às mãos. Vontade de chorar...

Não era possível. O coração não mentia. Algo impressionante estaria por acontecer. Miserável! Desgraçado que sou! Infelicitei uma família. Tenho uma esposa que vive orando por mim. As freiras, todas as freiras orando pela minha conversão. Estou aqui preso por minha culpa,

neste lugar sagrado, em casa destas almas abençoadas, pertinho de Deus. Coitadinhas, em boa fé a meu respeito! E, apesar de tanta solicitude, de tantos prodigiosos meios de me corrigir, apesar de tantos avisos, de tantos exemplos, não consigo romper os laços que me acorrentam a este maldito rochedo da paixão, do vício e do pecado...

Tenta um ato de contrição, de arrependimento. Mas falta-lhe a coragem de formular um propósito firme. É duro, difícil, impossível, declarar guerra aberta, sem quartel, à gostosa bebida.

Só um milagre. Não existe outro meio, outro recurso. Deus precisa vibrar o golpe decisivo, o golpe mortal. Cortar sem piedade a cabeça do dragão. Só um milagre. Sim, um milagre.

* * *

Ajoelha-se. Levanta a cabeça, os olhos, as mãos trêmulas, em prece: Senhor, tende piedade de mim.

Ergue-se, aliviado. Na sacristia, coloca os pés sobre o genuflexório posta aos pés da imagem de Cristo. Agarra-se à cruz. Pisa nos pés da imagem do crucificado. Ao tocar com as mãos os braços frios, duros, da imagem, súbito pensamento excêntrico fulmina-lhe a mente; e se, naquele instante, Cristo se animasse e, desprendendo as mãos da cruz, o abraçasse?!

Como um raio, o pensamento cristaliza-se em palpitante realidade. Os enormes e frios braços do crucificado soltam-se do madeiro e estreitam fortemente o corpo de Pedro, num abraço carinhoso e quente. Ao mesmo tempo, com acento de indizível ternura, com lágrimas na voz, os lábios divinos, emanando perfume de rosas, proferem esta atordoante expressão:

- Meu filho, até quando?!

Depois disso, Pedro não viu e não ouviu mais nada. Lembra-se apenas de haver sentido o calor do abraço e percebido o hálito perfumado da voz de Nosso Senhor.

Quando acordou, jazia estatelado no soalho da sacristia. Levanta-se, então, estremunhado e pergunta-se: que foi? Estarei sonhando?

Acende a luz. Olha para a imagem de Cristo. Ela permanece imóvel no seu lugar, como sempre. Teria sido mesmo um sonho? Não, não pode ser. Estou sentindo um bem-estar infinito, uma euforia incontrolável. Não, não foi sonho. Foi milagre! O milagre que eu pedia. O milagre indispensável para a minha recuperação.

Sem perder tempo, dirige-se à capela. Ajoelha no primeiro banco, diante do sacrário e da linda imagem do Sagrado Coração de Jesus. Apóia os cotovelos no banco, a cabeça entre as mãos. E, tomado de forte arrepio, mergulha num oceano de lágrimas, chorando, rezando. Nunca chorou tanto na vida! Nunca rezou tanto na vida!...

* * *

De manhã, as freiras vão à capela para a oração e a missa. Vendo ali, ajoelhado, o Pedro, levam o maior susto. Como então? O que está acontecendo? Como é que ele está aqui na igreja? Como pôde abrir a porta do quarto ser ter chave?...

Ele levanta-se. Vai e abraça, beija as religiosas, a chorar:

- Queridas Irmãzinhas, estou convertido! Foi um milagre do Nosso Senhor!

E narra o incrível acontecimento, causando enorme surpresa a todas as freiras. Por fim, acrescenta:

- Irmãzinhas do céu, agora estou convertido, mas preciso pedir perdão a Deus, pedir perdão dos meus pecados. Quero me confessar. Uma confissão geral.

- Pois não, Pedro. Daqui a pouco vai chegar o nosso capelão. Você pode, então, aproveitar para se confessar.

Aos pés do Pe. Lauro, fez Pedro uma confissão da qual o sacerdote ficou admirado, diante de tantas lágrimas e de tantas promessas, pedindo mil desculpas por toda aquela vida de pecado. O sacrilégio, os maus tratos contra a esposa e os filhos, o escândalo dado à sociedade...

Durante a missa, Pedro comungou, ao lado de todas as freiras. A seguir, permaneceu longo tempo em oração, fazendo a ação de graças pelo milagre de sua conversão.

Por volta das oito horas, no refeitório da comunidade, ele tomou café com as religiosas. Disse-lhe, então, a Ir. Gema:

- Pedro, hoje você não vai trabalhar na horta nem na carpintaria. Vai ajudar a Irmã cozinheira a preparar o almoço. Um banquete. Vamos festejar a volta do filho pródigo à casa do pai com grande solenidade, com um banquete.

Então, Pedro, ainda sob o impacto da graça divina, passou a manhã ajudando na cozinha, descascando batatas, e, na horta, colhendo verduras, temperos. Ajudou a matar e depenar duas gordas galinhas, as galinhas das quais ele cuidava com dedicação.

Festa inesquecível! Durante o banquete, a superiora fez comovente saudação, dizendo: meu filho, hoje no céu há mais alegria pela sua conversão, alegria maior que poderiam dar 99 justos que não necessitam de conversão.

A Ir. Gema declarou, ainda, que naquela sexta-feira a comunidade terminara uma novena ao Sagrado Coração de Jesus em prol da conversão daquele seu empregado.

Pedro também fez uso da palavra para agradecer toda aquela epopeia de bençãos recebidas por graças das queridas freirinhas. Agradeceu com lágrimas nos olhos. Por fim, prometeu corresponder a tantas benemerências divinas, vivendo para levar a termo uma grande campanha em favor da recuperação das pobres vítimas do alcoolismo.

De tarde, retornava para sua casa, levando a alegria para a sua Lenita e seus filhos, a quem abraçou e beijou chorando.

Hoje, Pedro, presidente da Associação dos Alcoólicos Anônimos - AAA, desempenha admirável apostolado em favor de tantos viciados. Vive pregando o bem, enquanto se ocupa no belo emprego que logo obteve como diretor de vendas de importante indústria de móveis de sua cidade.



O FILHO DO BABY-DOLL

Tarde moma de outono. Sentadas no alpendre, olhando a rua, as duas comadres falam da vida alheia. Quando falta assunto, vão buscá-lo nos transeuntes.

- Olhe ali, comadre. Veja quem está passando.

- Quem é? Parece a mulher do Prefeito.

- É ela mesma, em carne e osso. A D. Adriana, a primeira dama da cidade.

- Que horror, D. Nicota! Andando na rua sozinha, correndo, feito não sei o quê!

- Tão mal vestida! Mal penteada, desfigurada!

- Parece um fantasma, não é?

- Quem a viu e quem a vê! Quem diria que aquela moça tão distinta, tão rica, tão bonita, fosse acabar dessa maneira? Logo agora que é esposa do Prefeito!

- É verdade, comadre. Lembro-me do casamento. Foi o mais concorrido e elegante da cidade. Linda ela e lindo ele, o Dr. Pacheco. Ele mais bonito do que ela.

- Aí está a desgraça dela, D. Nicota. O Dr. Pacheco, um broto tão bacana, o advogado mais temido da comuna. Criou fama. Candidatou-se a Prefeito. Ganhou bonito. Depois. Ah, depois arranjou uma amante e aí está a coitada da D. Adriana. Sabe que tenho pena dela, pobrezinha! Vê, não adianta a mulher ser bonita, ter dinheiro, cultura, ser esposa do Prefeito. Esses homens são todos uns demônios!

- Mas, D. Chicota, parece que a culpa é dela.

- Coitada! Não fale assim, comadre! Imagine só. Ela é uma santa. Ninguém vê ela conversando com outros homens. Não vai a festas. Não vai a nada. Quem vai com ele é a amante. Pouca vergonha!

- Isso é verdade. Mas sabe, D. Chicota, eu tenho cá minhas dúvidas. Como é que ela anda desse jeito, tão mal vestida? Então ela não é a mulher do Prefeito? Procedendo assim, ela só podia perder a confiança do marido.

- Mas eu acho que é ele que não a deixa andar bem vestida. Por causa da amante.

- Não é, comadre. É tudo ela que provoca. É muito estúpida. Faz loucuras. Um dia tentou até matar o Dr. Pacheco. Depois ela quis tomar veneno.

- Pode ser que eu me engane, comadre. Eu, por mim, acho que o culpado é ele.

- E eu digo que é ela.

* * *

O caso era notório. Todo mundo comentava. Um escândalo. Uns diziam que o Dr. Pacheco era um carrasco para a esposa. Outros culpavam D. Adriana.

Os primeiros anos de casados foram de felicidade. Beleza, honra, dinheiro. Depois, o Dr. Pacheco, Prefeito de importante cidade, entretido demais com seu absorvente cargo, deu de esfriar no amor. Tornou-se infiel.

A esposa sentiu tremendo baque. Não soube agir. Não soube escolher as armas para debelar a crise e vencer a batalha. O ciúme estendeu a nuvem da cegueira. E o inferno foi morar naquele palacete onde antes reinava a felicidade do paraíso.

Brigas quase diárias. O Dr. Pacheco começou a implicar com o traje da esposa, que gostava de andar bem vestida.

- Pra que toda essa extravagância, mulher? Esse luxo? Esse baton? Esses decotes? Quer exibir-se para os outros? Então você não é minha esposa? Eu não preciso dessas coisas, ouviu? Para com isso.

Ela zangava-se: Ah, é assim? Quando eu era sua namorada, quando era noiva, você achava que ficava bem. Gostava de me ver bem vestida. Achava bonito. Agora... Agora não adianta mais. É todos os dias com essa troca, com esses deboches.

Briga feia. Ululante vendaval. Todos os dias. Nunca mais se entenderam. Nunca mais tiveram relações matrimoniais. Ela foi decaindo e emagrecendo a olhos vistos. Desleixou o vestido, a roupa íntima. O calçado. O penteado. Tudo. Ficou magra e feia. Um fantasma ambulante, pelas ruas, impressionando as duas comadres e todo mundo.

* * *

Lá um dia, o Dr. Vilhena de Moraes apareceu na cidade para dar um curso de relações humanas na vida conjugal. Lições estupefacientes, empolgando a comunidade. Nunca mestre algum falou assim. Fabuloso!

D. Adriana já perdera a esperança de reabilitar-se e de reconquistar o marido. Mas lá compareceu, por mera curiosidade.

Escutou com a máxima atenção. A princípio, à luz daqueles ensinamentos, ela transferia as culpas todas para o marido. Ele e não eu e que devia estar aqui escutando.

Depois, entretanto, foi se impressionando com certas verdades surpreendentes. Aquela maravilhosa psicologia. Aquela longa experiência do conferencista. A citação de tantos casos desesperados e resolvidos de modo fantástico...

“As mulheres - dizia ele – não estão sabendo usar de sua feminilidade. A mulher, muitas vezes, funciona apenas como mãe e como esposa, esquecida de que também é mulher.

“Outras vezes - prosseguia o Dr. Vilhena - outras vezes torna-se agressiva. Pregadora de sermão. Não sabe pedir com feminilidade. Não sabe usar as lágrimas. Não possui a técnica de chorar. Não chora com sinceridade. Não sabe usar a arma da fraqueza, essa, arma poderosa que Deus lhe deu. Lá sai berrando, feito touro:

Comigo é assim!

“É preciso usar a fraqueza no pedir. É preciso saber pedir. – Está bem, meu amor. Eu compreendo. Não compre, não. Desculpe, eu só falei porque tinha uma vontade muito grande de que você me comprasse, mas não precisa comprar... Aí o coitado vai e compra.

“Quantas vezes - continuava o conferencista - ouço os maridos falar assim: Doutor, estou esperando, e com os olhos no céu, um momento em que me sinta marido... Tenho quatro filhos e ainda não me senti

marido. Minha mulher nunca me pediu nada assim com jeitinho de mulher, de esposa. Ela já pede como quem diz: Dá mesmo senão vai sair barulho... Eu queria que ela me pedisse de maneira que eu pudesse dar, que eu pudesse ceder, que eu pudesse me considerar como aquele marido que, não tendo obrigação de dar, no entanto dá. Nós somos muito vaidosos neste ponto...”

* * *

O que mais empolgou a D. Adriana, entretanto, foi o assunto da vestimenta. Como foi bem tratado pelo Dr. Vilhena!

“Se Deus as fez formosas, - dizia ele - a culpa não é de vocês. E a mulher que se veste bem, de forma a realçar as suas qualidades, está se utilizando daquilo que Deus lhe deu. Inclusive quando anda com segurança e com graça.

“Os homens partilham das glórias e das alegrias de suas esposas. Ela saiu muito bem vestida, discretamente. Atraiu atenções, gestos cavalheirescos. Vai, chega em casa e diz ao marido: Meu bem, hoje ao sair senti o olhar respeitoso de admiração de algumas pessoas que me acharam bonita. Toma este beijo. Sou tua mulher. Metade de minhas alegrias e de minhas glórias são tuas, meu amor!

“A mulher bem vestida e notada, sente-se sempre com o marido ao lado. Ela recolhe a admiração para compartilhar com o marido. Faz parte da mulher sentir-se bem vestida. Através do vestido, procura ter consciência de si mesma.

“Se o marido pergunta: Para que você precisa de outros? Para ser vista e admirada, basta a mim. Você casou comigo e não com os outros. Aí a mulher responde: Meu bem, para que eu possa ser tua esposa equilibrada, verdadeiramente tua, eu necessito ter consciência do que eu represento para os outros, ter consciência de que estou dando algo ao meu marido...”

“Uma pessoa bonita que se veste bem, faz ato de caridade para todos os outros. Anima os outros a viver mais”.

* * *



A esta altura, D. Adriana não resistiu. Esse doutor me entende. Parece que sabe toda a minha vida. Parece que está olhando para mim e está lendo na minha alma. Vou falar com ele.

Foi. Narrou toda a sua dolorosa história. Aquela vida de infelicidade do marido. Aquela sua brutalidade...

- Doutor, no começo eu reagi. Briguei. Saí de casa. Tudo em vão. Não adiantou nada, nada. Voltei e continuei brigando em casa. Passei a ameaçá-lo. Cheguei a tentar o suicídio, doutor. Nada. Mudei de atitude. Caí de joelhos, supliquei por amor de Deus. Não adiantou. Agora estou na fase da quietude. Não falo mais nada. Fico quieta. Emagreço e envelheço. Não digo mais uma palavra. Dou a comida dele, sirvo-o bem, mas também não adianta nada. Como vê, doutor, esgotei os recursos. Agora não tem mais jeito...

O Dr. Vilhena esboçou um sorriso e respondeu:

- Tem jeito, sim, minha senhora. Eu vejo na senhora muita coisa que se aproveite. Muita coisa.

- O quê, doutor?

- Vejo muita coisa. A senhora, apesar de magra e abatida, continua a ser mulher bonita e jovem. A mulher bonita e jovem que impressionou seu marido. Sob o ponto-de-vista estético e ainda das qualidades morais. Estas continuam todas na senhora.

- Ah, doutor, será que ainda posso esperar este milagre?

- A senhora passe aqui no consultório todos os dias. Vamos conversar apenas dez minutos. Vou indicar-lhe o remédio.

* * *

Então, agora, D. Adriana ia todos os dias ao consultório. Recebia as instruções, que seguia a risca.

De acordo com estas instruções, principiou comprando um lindo vestido, o mais lindo vestido, do gosto antigo do marido. Depois, os sapatos. Sapatos à última moda.

No primeiro dia, o Dr. Pacheco chegou em casa. Viu a mulher naquele traje elegante e explodiu:

- Agora, sim! Era só o que faltava! Uma princesa em minha casa! Ela fez cara triste e respondeu:

- É, meu bem, desculpe, o outro vestido rasgou. Não tive outro jeito. Comprei este novo. Quer café, meu amor?

Continuando a pôr em prática os conselhos daquele admirável especialista das doenças do espírito, D. Adriana comprou novos trajes íntimos. Trajes leves e lindos, capazes de tomar mais amena a vida íntima.

Vestindo as finíssimas Valisère, recordava os primeiros anos de casada. Sentia-se outra. Uma sensação de bem-estar e uma grande esperança de reaver a felicidade perdida.

Na primeira noite, o Dr. Pacheco fez cara feia:

- Que assombração é essa? Minha filha, sinto muito, mas não me impressiona, não.

E ela, com muito jeito:

- Olhe, meu bem, desculpe. O pijama rasgou e eu tive que comprar isto.

E não falou mais. Foi dormir.

A boa apresentação da esposa era o calcanhar-de-aquiles do marido. Desde o dia em que surgiu aquela amante, revoltou-se contra a elegância do vestir da esposa. Não podia vê-la bem trajada. Era um perigo...

Mas, D. Adriana vinha muito bem instruída pelo experiente psicólogo. Continuou seguindo fielmente o programa traçado.

Agora é a vez do penteado.

O Prefeito quase não parava em casa. Almoçava e saía. Voltava de tarde para o jantar. Vinha correndo. Tratava-a brutalmente.

Agora, D. Adriana preparava um ótimo jantar. E quando ele ia chegando, encontrava-a diante do espelho, fazendo a toalete. Penteando seus longos e lindos cabelos, com toda a poesia, com todo o vagar, conversando com a escova.



- Que é isso? Decerto a rainha do mundo vai hoje ao baile!
Decerto!

- Desculpe, meu bem, e que estava tão abatida... Olha, já vou buscar o jantar. Está prontinho. Um momentinho só.

E continuava a pentear-se com toda a elegância.

Todos os dias, absolutamente todos, àquela mesma hora, quando ele chegava para o jantar, lá encontrava a esposa diante do espelho, penteando a longa e linda cabeleira de seda...

Um dia, não aguentou. Era demais. Virou bicho. Avançou para ela, furioso. Arrancou-lhe a escova. Partiu-a. Jogou-lhe no rosto. Espatifou o espelho, berrando impropérios:

- Toma, bruxa do inferno!

* * *

No outro dia, no consultório do psiquiatra:

- Doutor, eu disse que o meu caso não tem cura.

- Não tem cura, por quê?

- Estou desesperada, doutor.

E contou a cena. .

- Minha senhora, - respondeu o Dr. Vilhena - se é assim, a coisa vai bem, vai muito bem. Vai de bem a melhor. Compre outro espelho, outra escova e prossiga. Prossiga sem desanimar. Não se zangue. Não diga palavra. A batalha é dura, mas a vitória é certa.

D. Adriana obedeceu. Estava contente. Engordou. Ficou bonita, com cara de gente... Vai senão quando, surge outro incidente.

- Doutor, estou outra vez desanimada.

- Por que? Você está ficando tão bonita, satisfeita, tão forte!

- É, doutor, a sua receita não está resolvendo. Ele agora não se importa mais comigo. Não me critica mais. Está na fase da indiferença.

- Mas ele olha para a senhora, D. Adriana?

- Olha assim com a rabo do olho.

- Então a negócio esta melhorando. Insista na dose. Prossiga, prossiga sem parar.

Ela prosseguiu, sempre calma, sem zanga, sem dizer palavra, sempre caprichando no trajar, no penteado, nos perfumes, nas roupas íntimas, na pintura...

Vai até que um dia o Dr. Pacheco chega em casa no horário habitual, para a jantar. Vem correndo. Bate a porta com mais força do que de costume. Ela assusta-se, mas continua diante do espelho, penteando-se, simulando serenidade. Ele dirige-se para ela e fala:

- Chega, minha filha. Não me maltrates mais. Toma-a nos braços e leva-a para a leito nupcial.

- Meu bem, ganhaste esta batalha. A maior de todas as batalhas. Com a funda da tua escova, deitaste por terra o mais temível gigante. O segredo do teu cabelo penteado foi a força de Sansão que me prostrou...

E ali, sobre a leito perfumado, misturando as lágrimas com as lágrimas da esposa, o Dr. Pacheco disse as coisas mais lindas, tão lindas como nunca dissera no fogo do noivado e no dia do casamento. Disse tudo quanta não dissera em vinte anos de matrimônio...

O sol que inunda a terra do Brasil inteiro não tem a calor daqueles beijos, no êxtase do amor. Os pássaros jamais cantaram como cantava naquele instante de felicidade daqueles dois corações, que se abraçavam depois de tão longa e agoniada ausência. As flores de todos os jardins brasileiros não têm a beleza da poesia daquela relação, a mais poética e linda relação da vida...

No dia seguinte, o caminhão da Prefeitura Municipal transportava para outra cidade os trastes da amante. A miserável ia feliz, à procura do dinheiro de outro coitado, para a desgraça de outro lar...

Volvidos dez meses, o Dr. Vilhena de Moraes recebe carta de D. Adriana:

- Luís Carlos nasceu, Dr. Vilhena. Luís Carlos, o FILHO DO BABY-DOLL.

O MENDIGO

O velho Anastácio é um mendigo de sorte. Acomodado. Inteiramente conformado com a sua condição de mendigo.

Sem ambições, não inveja os colegas que têm um rancho para morar. Os colegas que têm família, que têm parentes...

Ele não tem família. Não tem parentes. Não tem rancho para morar. Mora na rua e dorme debaixo da ponte. Durante a dia, anda pela cidade assobiando, cantarolando, feliz como uma passarinho.

Comida? Um prato de feijão com arroz ele sempre consegue em casa do caminhoneiro Felisbino ou em outra casa que bater.

Não inveja os colegas mais ou menos bem vestidos e calçados. Ele anda sempre de pé no chão e se veste de molambos, que ele mesmo lava no rio, debaixo da ponte.

* * *

Pois lá vivia feliz a velho Anastácio, dormindo debaixo da ponte. Mas em julho de 83 aconteceu um desastre. Uma tragédia. Veio a enchente, a enchente mais dramática, mais catastrófica da história do sul do Brasil.

Com fúria diabólica, o rio transbordou. Saiu do leito, impetuoso, por ruas e praças.

A água entrou nas casas sem pedir licença. Subiu, subiu, encobrindo os telhados e transformando a pequena cidade num mar tumultuoso.

Casas eram arrancadas de seus alicerces e seguiam arrastadas pela torrente, rodopiando, em teatral cortejo.

Árvores, cercas, muros, tudo sucumbia à fúria iconoclasta dos elementos em rebelião. Galinheiros, chiqueiros, currais, bois, cavalos, ovelhas, porcos, rolavam na cristã das ondas, num bailado macabro.

Empoleirado na cumeeira do galinheiro sinistrado, um galo viajava sem pagar passagem, cantando. Cantava aquela soberba epopeia de destruição, aquela tragédia que merecia ser cantada em prosa e verso.

Um gato branco, agarrado à porta arrancada da casa do seu dono, miava, fuzilando seus olhos de fogo.

Trepado num caixote, aos rodopios, uivava um enorme cachorro...

* * *

A população tomada de pânico, mal pode agarrar as crianças e fugir para o monte, de onde, com lágrimas nos olhos, contemplava o trágico submergir de suas casas nas águas em tumulto.

Andando, alucinada, sob a chuva torrencial e contínua, desalojada de seus lares, refugiou-se no salão paroquial, providencialmente erguido no ponto mais alto da cidade.

Sem se dar conta, o velho Anastácio viu-se de repente no meio daquela multidão flagelada e enlouquecida. No meio daquela multidão em desespero, mas bem vestida, bem calçada, ele de pé no chão, vestindo molambos.

No dia seguinte, deram-lhe um par de sapatos e uma roupa bonita. Deram-lhe comida. Roupa e comida em abundância, enviadas pelos irmãos de todo o Brasil.

Ele, o pobre velho, não deu lá grande importância àquele par de sapatos. Preferia andar descalço. Não se impressionou com a roupa bonita. Ele gostava mais de sua roupa esfarrapada de todos os dias, a roupa que ele mesmo lavava no rio, debaixo da ponte. Não lambeu os lábios depois de saborear a gostosa refeição que lhe deram. O prato de feijão com arroz que recebia da família do Felisbino era mais apetitoso.

* * *

Ali, no meio da multidão em desespero, Anastácio ouvia as lamentações de um pai de família: Meus filhos, nós perdemos tudo. Não foi possível salvar nada, nem os documentos.

E a mãe: Perdemos a casa, filhos. Perdemos a roupa, os móveis, a louça, as jóias, o dinheiro, tudo.



Mãe, - acrescentava a garotinha - eu perdi o meu gatinho. Mãe eu perdi o meu cachorrinho e o papagaio - acrescentava o garoto.

Anastácio, escutando aqueles gemidos, vendo aquelas lágrimas, ficou triste. Triste por ver a desgraça de toda aquela gente que antes vivia feliz e que acabava de perder tudo da noite para o dia.

E o mendigo, contagiado, também começou a chorar.

- Por que chora, Anastácio?

- Choro porque vocês perderam tudo.

- E você, Anastácio, não perdeu nada?

- Nada. Perdi apenas o leito debaixo da ponte, mas temporariamente. Logo que as águas baixarem, terei outra vez minha casa.

- Feliz de você, Anastácio, que não perdeu nada. Você tem sorte, Anastácio.

- Sim, muita sorte. Eu não perdi nada, enquanto vocês perderam tudo. Tenho pena de vocês.



O SORRISO DE MONICA

Mônica, 17 anos, estudante da Escola Rainha da Paz, não era a moça mais bonita da pequena cidade serrana. Mas todos concordavam que ela era a mais simpática, a mais atraente, a mais contagiante. Vivia com o sorriso brincando nos lábios.

Sorria para todos, ricos e pobres, jovens e velhos, homens e mulheres. Sorria, sobretudo, através de seus olhos castanhos, brilhantes, como dois alegres passarinhos espiando a sorrir por entre as cortinas de seda de suas grandes pestanas.

Extremamente sensível e amorosa, vibrava diante de tudo o que encontrava na rua, em seus passeios diários, rumo da escola. E infundia alma nova nas pessoas acabrunhadas, como num passe de mágica, deixando todo mundo transformado e feliz.

Um dia, o Seu Osvaldo, forte comerciante da cidade, vivia uma crise tremenda, diante do fracasso de seus negócios, com adoção de novos planos de arrocho do governo federal. Em sua loja, as balconistas passavam o dia de braços cruzados, clamando por um freguês que não aparecia. A loja encontrava-se à beira da falência.

Pois, naquele dia, o Seu Osvaldo, a passear pela rua assim tão acabrunhado, deu de repente com aquela garota, a Mônica, que ele só conhecia de vista.

- Como vai, Seu Osvaldo? - perguntou ela com um sorriso encantador.

Osvaldo parou, fascinado por aquele sorriso capaz de comover um frade de pedra. Parou e ficou olhando para a mocinha, feito bobo. Transfigurou-se, quando Monica se aproximou e lhe bateu no ombro, dizendo:

- Tudo bem, Seu Osvaldo?

- Tudo bem, querida. Estava triste, aborrecido, mas você, com esse belo sorriso, me alegrou. Você é muito legal, menina! Sabe tornar

alegre as pessoas mais tristes. Obrigado, senhorita, - disse ele, dando-lhe um abraço.

Naquela tarde, Osvaldo era outra pessoa. Seu rosto acabrunhado se transformou de repente. Estava contente. Estava feliz.

À noite, foi deitar pensando no sorriso de Monica, que o tornava feliz. E logo adormeceu, ele que havia várias noites que não dormia, só pensando nos maus negócios da firma. Dormiu toda a noite sem acordar uma vez. Sonhou com o belo sorriso da normalista.

No dia seguinte, Osvaldo levantou-se bem humorado, contente, feliz. E, assim contente e feliz, dirigiu-se à sua loja. Parecia que as coisas tinham mudado. Havia vários clientes fazendo compras.

Daí por diante, tudo foi correndo bem. A firma equilibrou-se e progrediu.

* * *

Mônica, totalmente alheia a transformação daquele empresário, ignorando tudo quanto se passou depois com aquele homem acabrunhado e que acabou reagindo apenas com um sorriso, prosseguiu seu caminho.

Passando pela pracinha, ela deparou-se com um grupinho de rapazes, sentados nos bancos. Mônica saudou-os com um largo aceno e um sorriso encantador.

- Que moça bacana! - comentou um deles. - Quem é essa garota tão legal, tão sorridente?

- É filha de uma professora. Estuda na Escola Normal.

- Que bacana!

- E sabem de uma coisa? Ela não tem namorado. Diz que o namoro amarra a gente. Assim, sem namorado, ela está mais disponível para ajudar a todos.

* * *

No dia seguinte, Mônica, andando pela avenida principal, topa com um mendigo sentado na calçada, pedindo esmola. Era o velho Sebastião, 80 anos. Desdentado, barbudo, feio. Vivia ao deus-dará, à mercê de caridade pública. Dormia sozinho num barraco miserável.

Mônica aproxima-se dele, quase se encostando. Sebastião sente a carícia do perfume que se evola do lindo vestido da garota. E experimenta um bem-estar imenso.

- Como vai o senhor? - pergunta Mônica, sorridente.

- Como Deus é servido, minha filha. Obrigado. E a senhorita como vai?

- Bem, obrigada. Aqui está uma pequena ajuda, meu bem, - disse passando-lhe uma nota de cinco mil cruzeiros e fazendo-lhe outro belo sorriso.

Sebastião nem olhou para o dinheiro. Estava mais era empolgado com o amor daquela garota, que lhe sorria tão encantadoramente. Ficou olhando para ela até que desapareceu na esquina, rumo da sua escola.

* * *

Aquele mendigo, que já não tinha sorriso para oferecer, porque desaprendera a sorrir; aquele mendigo que há muitos anos não recebia um sorriso tão carinhoso, tão cordial, sentiu muita alegria, sentiu tanta alegria, que desandou a chorar, feito criança. Aquela era a esmola mais valiosa que recebeu em toda a sua triste vida de mendigo. Esmola. que valia milhões, que trazia a felicidade para ele, pobre mendigo, sem amor, sem afeto...

Sebastião não quis mais mendigar naquele dia. Parecia ter tirado a sorte grande, a quina da loto... Levantou-se, enxugando as lágrimas, e, meio trôpego, dirigiu-se a igreja matriz, ali perto.

Entrou. Ajoelhou e principiou a orar, a rezar para agradecer, não os cinco mil cruzeiros que recebera, mas para agradecer aquele sorriso, aquele sorriso que o fazia feliz. "Hoje, Senhor, - orava ele - hoje eu fui amado por uma garota bonita. Sorrindo assim tão encantadoramente para um feio mendigo como eu, mostrou que me quer bem. Que me ama. Estou feliz, Senhor!... Agora podeis deixar partir este pobre velho. Depois desta felicidade, Senhor, só me resta a felicidade do céu..."

Era noite, quando o sacristão foi avisar aquele velho que estava na hora de fechar a igreja.

No dia seguinte, ninguém viu o Sebastião na rua. Apenas os vizinhos, por volta do meio-dia, notaram o barraco fechado. Fechado àquela hora, o que nunca acontecia.

Empurraram a porta e... estendido sobre o duro enxergão, jazia morto aquele mendigo. o rosto sereno, voltado para o céu, um sorriso nos lábios, parecia vivo.

Mas estava morto. As mãos sobre o peito, a direita apertando um pequeno crucifixo, e, na esquerda, a nota de cinco mil cruzeiros que recebera de Mônica...

* * *

Decorrido cerca de um mês, Mônica foi juntar-se com seu amigo Sebastião no céu. No dia 21 de abril de 1992, por volta das três horas da madrugada, num acidente misterioso, Mônica partia para a eternidade.

Lagoa Vermelha, cidade gaúcha de Mônica, parou naquele dia, festa de Tiradentes, dia de muito sol, o sol que ela tanto amava, o sol que ela tanto cantava.

Mônica Bonotto, filha do empresário de móveis Gaspar Bonotto e da professora Teresinha de Jesus Hoffmann Bonotto, era a garota mais querida, mais simpática, mais virtuosa, mais sorridente da pequena cidade de Lagoa Vermelha. Flor de garota, era um poema de amor e simpatia. Uma fascinação! Uma festa! Sua presença era uma festa em toda a parte, em casa, na escola, no coral da Escola Rainha da Paz, na igreja, na fábrica do pai, nos passeios...

Era a garota ideal que todos os rapazes queriam namorar. E Mônica abdicou de um belo amor, para ser namorada de todo mundo.

Inteligente, superinteligente, superdotada, carismática, um gênio! Aos 15 anos, já escrevia com elegância, com perfeição. Linguagem corretíssima, letra bonita, graúda, redondinha. Autêntica vocação de escritora. Ao lermos seu diário, sete alentados volumes, temos a impressão de estarmos diante de uma veterana pensadora da literatura universal.

Mônica vibrava com tudo quanto é belo, bom, construtivo. Brilhante, brilhava em tudo. Nas aulas, era a aluna que mais se distinguia, sempre com destaque. Premiada várias vezes. Brilhava no coral, do qual

foi presidente. Brilhava no seu incipiente trabalho de magistério, como professora estagiária. Brilhava em todas as virtudes, especialmente na caridade e na pureza. Era um anjo de pureza! Mônica, - diziam as colegas ao se despedirem dela durante o velório no salão de sua escola - você não era deste mundo.

Sobrinha da Superiora do Carmelo de Santa Maria, Ir. Elenita Maria Bonotto, era uma autêntica jovem candidata ao altar. Ela mesma escreveu, ao lado de um anjinho, embora em tom de brincadeira: *Eu sou santa, cadê o altar?*

Trazia nas veias o sangue de quatro raças. Quatro raças que povoaram a história de feitos gloriosos: a raça latina, a raça germânica, a raça portuguesa e a raça africana. Da raça latina herdou o heroísmo das legiões romanas, dominadoras do mundo; de São Francisco de Assis herdou o amor à natureza. Da raça germânica herdou a tenacidade, a técnica, a operosidade. Da raça lusitana, a audácia aventureira dos marinheiros que sulcaram “os mares nunca dantes navegados”; do lusitano Santo Antônio herdou a virtude e a santidade. Da raça africana Mônica herdou a nostalgia e o dom das lágrimas: “Hoje estou triste... Chorei um monte”.



A SANTA MARIA GORETTI GAÚCHA

O mesmo nome. Maria Teresa Goretti. Maria Teresa Müller. A mesma idade. Doze anos incompletos. A mesma religiosidade familiar. A mesma história, a mesmíssima história, deliciosa e apaixonante, com o mesmo dramático epílogo, a mesma virtude heróica, o mesmo glorioso martírio.

Como a Santinha de Corinaldo, nunca posou para o fotógrafo. Não existe retrato dela, nenhum retrato. Para que retrato, se Maria Teresa passou para a galeria dos imortais? A sua breve existência, curta como um suspiro, a sua vida ingênua e terna, é o seu mais expressivo retrato, retrato a cores, de corpo inteiro, de um lirismo intraduzível, dominador.

Seus pais - José Müller e Emília Hart - não nasceram ali no atual município de Poço das Antas, outrora município de Montenegro. Vieram de outras terras. Conheceram-se num baile, no Morro Paris. Casaram-se em 1912, com a benção do Pe. José Neis, o primeiro vigário de Poço das Antas.

A cidadezinha, esparramada em recanto de fábula, na encosta de negras montanhas, contempla ao longe, enamoradamente, deslumbrador panorama de infinita majestade. O nome, foi buscá-lo no arroio que canta nas imediações, em cujo poço, outrora, as antas se banhavam.

Ate 1880, a mata alpestre, soturna, pavorosa, vestia de carrascais o mistério da serrania brava, onde os selvícolas se entreveravam com os tigre em titânicas pugnas. Depois, procedentes do Vale do Caí, colonos de origem germânica aqui aportaram. Desbravaram a selva. Construíram suas casas, a igreja, a escola, a vila.

* * *

O dia 22 de julho de 1938, em que pese a estação do inverno, despontou belíssimo, sorrindo ao cantar da passarada.

Emília levantou cedo. Acendeu o fogo. Deitou água na chaleira. Tratou as vacas. Tirou o leite.



José, pouco depois, libertou-se também do calor da cama. Foi silenciar o grunhido ensurdecedor dos porcos famélicos, dando-lhes milho e mandioca.

Enquanto o casal tomava chimarrão, a filharada veio aparecendo, estremunhada, esfregando os olhos. A seguir, todos à mesa. Rezaram o Pai-Nosso e a Ave-Maria e tomaram café.

Lá embaixo, perto da Matriz, espoucavam foguetes. Era o casamento com missa de José Anschau com Ema Eckert.

Naquela manhã, Maria Teresa não foi para a roça com os outros irmãos. Ficou em casa, ajudando a mãe nos afazeres domésticos.

Vai senão quando, em meio ao trabalho, ocorre-lhe um estranho pensamento. O vestido da Primeira Comunhão. O seu lindo vestidinho branco.

- Mamãe, posso lavar o meu vestido da Primeira Comunhão?

- Por que? Ele está sujo? Deixa ver. Não, minha filha. Está limpinho.

Maria Teresa acariciou a face da alva maciez do seu vestido. Deu-lhe um beijo e foi repô-lo no guarda-roupa.

Decorridas poucas horas, a garotinha estaria envolta na candura daquele vestido. Seu virgem corpinho vesti-lo-á para o cortejo triunfal rumo do campo santo. Será a veste cândida com que o anjinho louro estrará gloriosamente no céu, a mãozinha branca empunhando o lírio da pureza, a fonte coroada pelo diadema rubro do martírio.

Maria Teresa, onze anos e meio, era uma linda garota, crescidinha, robusta. Loura, exageradamente loura. Cabelos de seda. Rostinho um tanto ovalado. Olhos azuis e vivos. Um sorriso perene bailava em seus lábios de carmim. Sempre disposta. Nenhum acanhamento.

Durante quatro anos, frequentou modelarmente a escola paroquial, aprendendo belas lições do professor Nicolau Weber. Sabia tão bem as verdades da Religião, que o pároco, Padre Drebel, lhe fez um público louvor.

Aos sete anos, recebeu pela primeira vez a sagrada Eucaristia. Piedosa, recatada, modesta, obediente. Um anjo de virtude.

Naquele dia, após o almoço, largo chapéu de palha na cabeça, lá vai ela para a roça. Vai feliz, cantarolando, como a boeirinha do gênio poético de Guerra Junqueiro:

Loira, mas do loiro fulvo das abelhas;
Fresca como os cravos presos nas orelhas,
Na boquita rósea três canções vermelhas,
Na aguilhada, ao alto, uma estrelinha a arder!
Descalcinha e pobre, mas sem ar de mendigo,
Nada mais esbelto, mais encantador!
Veste-a de oiro a glória do bom sol amigo,
O chapéu a palha que inda há um mês deu trigo,
A saíta é linho inda há bem pouco em flor...

Maria Teresa trabalhou na roça em companhia dos irmãos, até as três horas. De regresso, uma visita alegre a surpreende em casa. A prima Helma Bender, uma de suas melhores amiguinhas.

Tagarelam felizes, entre risos de inocência, as temas garotas. Súbito, a mãe corta-lhes a delícia da conversa:

- Maria Teresa.

- Que é, mamãe?

- És capaz de ir à venda?

- Pois não, mamãe. Para quê?

- Comprar erva-mate e farinha de trigo. Leva este cestinho de ovos e traz um quilo de erva e um de farinha. A Helma, querendo, pode ir junto.

- Pois não, tia, eu vou - diz a visita.

Maria Teresa lavou-se. Vestiu rápida a saia floreada, azul-clara.

- Posso ir contigo, Maria Teresa? - pergunta a prima.

- É melhor que eu vá sozinha, sabes, Helma? Assim, eu voltarei mais depressa.



E, dirigindo-se à mãe:

- Mamãe, não tenho lenço para guardar o troco.

- Toma aqui o meu - acudiu Hilda, sua irmã.

* * *

A garota, cestinho no braço, desce a escada. Mete-se pela estrada que leva à vila. Caminha apressada. Quisera correr, mas não corre para não quebrar os ovos que leva na cestinha.

O sol declinando coloca-lhe na rosa das faces o débil calor de suas carícias. Além. o panorama infinito desfila deslumbrador, em cenário de quimera. Maria Teresa contempla-o pela última vez. Desce o monte pela estrada em ziguezague. Vai radiosa, mas vai para nunca mais voltar. Vai a caminho da eternidade.

Vai apressada, obediente, cumprindo ordens, sacrificando a doçura da visita amiga. Ovelhinha branca, seguindo dócil para o matadouro. Vai ao encontro do lobo assassino, da serpente maldita, da hien sanguinária.

Em derredor, a natureza canta o festival da tarde. Galos cacarejam ecos de mistério. Tilintam nas pedras as enxadas dos colonos. Um cão regouga enigmático lamento.

Atravessa o bosque que será em breve o seu calvário, palco trágico de um drama mortal. Uma pomba silvestre, solitária, junto ao arroio, arrulha arcano lamento.

Às quatro horas, chegou à venda de Carlos Kunzler. Diante do armazém, um burro amarrado. De quem será? pergunta a menina a si mesma.

Entrou. Osvino Kerber atendeu. Tomou a cestinha. Desceu com ela ao porão onde guardou os ovos.

Maria Teresa vê, na outra extremidade do balcão, um homem de aspecto sinistro. Baixo, imensa bigodeira soturna, cabelos castanhos, sobrancelhas espessas, bombachas de gaúcho, botas sanfonadas.

Parece um monstro de sortilégio e de mistério, fitando a pequena com olhar diabólico e pavoroso, sedento de luxúria.

* * *

Guilherme Ranow descendia de família honrada. Foi bom filho, bom empregado, bom marido. Um dia, entretanto, tomou-se amigo de um vizinho perverso, de instintos bestiais e vida escandalosa, o qual em pouco tempo o arrastou à boemia, à devassidão, à miséria.

Lá estava agora, espectro de gente, apavorando a frágil garota, aquele anjo louro de fascinante beleza. Guilherme sorveu um copo de aguardente. Bateu com ele no balcão e soltou um ruidoso suspiro.

O caixeiro subiu no porão. Vai agora preparando a encomenda de Maria Teresa e tira a nota. Guilherme, pacotinho de caramelos na mão, aproxima-se da menina:

- Toma, querida mocinha.

A pequena olha-o timidamente. Um arrepio perpassa-lhe o tenro corpinho. Encolhe-se e responde, a medo, a voz trêmula, fraca, mas espontânea:

- Não quero.

Por causa dos caramelos ela sofrera um castigo. A única punição de toda a sua vida estudantil. Agora são ainda as balas que vem dar início a um drama, drama terrível, o mais cruel drama da vida, o drama da morte. A morte da ave quase implume, mas ensaiando o primeiro voo.

A resposta energética, inapelável, da loira garota é bofetada no rosto insolente do estranho homem. Ele dá uns passos para trás, mas não tira do rostinho angelical o torvo olhar.

Maria Teresa recebe a nota das mãos de Osvino. Recebe o troco, duas moedas, um de quatrocentos reis, outra de quinhentos. Amarra no cantinho do lenço. Pega do cestinho com a encomenda. Despede-se de Osvino e sai.

Guilherme, com olhar de abutre faminto, acompanha-lhe os passos, dir-se-ia um cão morto de fome, diante do açougueiro.

O caixeiro tem a impressão nítida que o malvado freguês seja um tarado sexual, capaz de perseguir a menina, para praticar uma loucura. E vai segurando-o com a conversa, fazendo perguntas, enquanto a mocinha vai-se distanciando rumo de casa.



Decorridos alguns instantes, Guilherme, impaciente, como dominado tiranicamente pela obstinação de satânica ideia, sai nervoso. Monta a cavalo. Acicata a animália e vai no encalço da menina.

Maria Teresa vai despreocupada, contente por ver-se longe daquele homem desconhecido e mal-encarado. Passa diante da igreja, faz o sinal da cruz. Balbucia uma prece. Sente saudade da sua Primeira Comunhão, da missa aos domingos, das comunhões mensais as primeiras sextas-feiras e aos sábados.

A meio caminho, encontra-se com Edmundo Pletsch, menino de sete anos.

- Edmundo, - pergunta ela - não tens medo de andar sozinho no mato?

- Não. O Miguel, o Afonso e o Almino vão aí na frente.

Os quatro irmãos atalham pelo bosque, desviando-se de Guilherme. Este guasqueia as ancas do burro. Naquela angustiante e mórbida ansiedade, louco por realizar a projetada aventura sexual, levanta a voz e monologa: Tomara que a alcance.

O garoto Fridolino Fritzen, trepado na madeira, ali à beira estrada, escutou as misteriosas palavras daquele homem, mas não lhe ocorreu nenhuma interpretação.

* * *

O salaz cavaleiro roseta violentamente o animal e logo adiante avista a menina caminhando. À direita, o arroio Poço das Antas murmura preces entre os cascalhos. Sombras distendem manchas de luto. Vago e longínquo ranger de carroça. Os colonos voltam de sua faina.

Súbito, Maria Teresa estremece ao rumor de uma pateada de cavalgadura. Olha para trás, desconfiada e tremula. Pensa: não vá ser o sinistro homem da venda.

Suor frio, angústia mortal, oprime-lhe o peito. Arreda-se do caminho para dar passagem ao cavaleiro. Ele passa devagar, inclina-se e oferece os caramelos, dizendo:

- Toma as balas, menina.

- Não quero!



Guilherme crava nela o protervo olhar, mas vai seguindo o seu caminho. Maria Teresa solta um suspiro de alívio. Graças a Deus! Alívio efêmero, porque, logo adiante, o homem apeia e amarra o cavalo a uma árvore da beira da estrada.

Não se descreve o alucinante pavor que se apodera da infeliz criança. Olha para o lado buscando atalho para fugir. Lancinante angústia cega-lhe a vista.

Guilherme está parado. Olha para ela, decerto esperando que a menina prossiga seu caminho e passe por ele.

A garota hesita. Não sabe o que fazer. Depois, anima-se e caminha, o passo incerto, as penas bambas. Chega a um metro do homem, que esboça um sorriso enganador. E, com aquele sorriso traidor, fazendo festa, ele se aproxima. Dá um abraço na pequena, que protesta com energia, tentando desvencilhar-se daquelas mãos horríveis.

- Querida, - diz ele - não tenhas medo. Vem comigo ao matinho. Vamos “brincar” um pouco.

- Não. Eu não quero. Larga-me. Tenho que ir para casa. Larga-me.

- Não sejas má, querida. Eu não te faço mal.

- Eu não quero. Larga-me.

Com supremo esforço, consegue escapar-lhe das garras. Tenta galgar o barranco da estrada. Ele agarra-a, dizendo:

- Por que foges, menina? Eu só quero “brincar” contigo. Vamos lá embaixo no bosque.

- Não. É pecado. Eu não quero. Larga-me.

Apertá-lhe o bracinho com brutalidade e vai arrastando-a mato a dentro. Ela deixa cair a cestinha, perde o lenço. Procura firmar-se nos arbustos. Mas o salteador é um leão a investir contra a frágil ovelha.

Agora a única defesa da pobre criaturinha é gritar. Gritar por socorro. Mas Guilherme coloca-lhe a mão na boca:

- Não grites. Não te faço mal. Eu só quero “brincar” contigo...



Deita a menina de costas, por trás do grosso tronco de angico, furtando-se à vista de eventual viajante. Abaixa-se para ela. De joelhos, faz-lhe infamante proposta contra o pudor. Maria Teresa, a alma em pranto, resiste com todas as suas energias, heroicamente...

- Não quero. Isto não posso fazer.

- Tu não queres? Tu não podes? Mas eu quero e posso!

* * *

E principia a gigantesca batalha. Reedita-se a fascinante história de Davi e Golias. Batalha aparentemente ridícula, mesquinha, estúpida, aparentemente desproporcional. Frágil criança contra fabuloso gigante. Cordeiro contra leão. Tigre versus camundongo...

Mas - espantosa, paradoxal surpresa! - é o gigante que tomba.

A criança canta vitória, espetacularmente.

Maria Teresa resiste valorosamente, o que acende no monstro truculento um vulcão de ódio, no delírio alucinante da paixão.

A grácil donzela defende-se como pode. Grita desesperadamente. A pesada mão do feroz algoz cai-lhe sobre a boca, brutalmente. Com a direita, sacrilegamente, vai rasgando as roupas íntimas da inocente vítima.

Ela recolhe as derradeiras forças, heroicamente, sempre mais heroicamente. Resistência pertinaz, incrível. Defende-se com unhas e dentes. Passa a mãozinha pelo rosto do devasso agressor, crava-lhe a unha, arranca-lhe sangue. Esperneia violentamente. Agita-se, torce o corpinho, gemendo, chorando.

Luta renhida, selvagem, lado a lado, durante longos minutos. Luta fragorosa como um tropel de touros e desgrenhados titãs.

Sempre a mesma heróica resistência da tenra garota, sempre o mesmo bestial furor da insaciável paixão da fera humana.

Vencido, vergonhosamente batido por tão fraco adversário, o monstro tenta vingança lançando mão do último argumento dos derrotados. Vai matar a menina. Vai estrangulá-la. Sim, estrangulá-la, a coitadinha! Com satânico furor, mete-lhe a mãozona na garganta. Ela tenta

em vão libertar-se da garra assassina que a sufoca. O carrasco esboça sarcástico riso.

O brilho celestial do glauco olhar vai-se aos poucos se apagando. Vai-se apagando aos poucos. A escuridão começa a envolver a pequena vítima. Cessa a resistência. O facinora retira a mão do pescocinho. Ela não se mexe mais. Está morta...

* * *

Tombou no entrevero da luta. Perdeu a batalha corporal, mas venceu o difícil combate do espírito. Deu a sua vida para a conquista da coroa imortal da pureza, sua vida para a conquista da coroa imortal da pureza, a coroa das virgens que seguem o Cordeiro cantando o hino que ninguém pode cantar.

O assassino está satisfeito. Não pôde saciar seus instintos bestiais, mas vingou-se plenamente, triunfalmente. De pé, olha complacente para o mártir despojo. Olha para o arroio que geme ao lado.

Toma em seus braços o inanimado e virginal corpinho. Caminha até o riacho. E joga-o dentro da água com baque surdo. Lança-lhe o derradeiro olhar. E parte, a roupa suja de terra e folhas, as mãos sujas. Recolhe do chão o lenço da mártir, que rescende suave perfume. Guarda-o no bolso. É uma relíquia. Relíquia de uma santa, de uma grande santa.

Monta a cavalo e prossegue sua jornada. A jornada interrompida por aquela pausa, pausa infeliz e trágica no caminho de sua vida. A pausa que lhe valeu o cárcere, onde findou seus dias, melancolicamente.

A pomba silvestre, solitária, arrulhou mais uma vez o misterioso lamento.

Caía lentamente o mistério da noite. Do firmamento, as estrelas principiavam a despetalar sobre o Poço das Antas uma chuva de lágrimas de ouro, tecendo a coroa imortal da pequena mártir. A Santa Maria Goretti do Brasil.



FLOR DO CAMPO

(Santa Margarida de Cortona)

Na beleza esmagadoramente bela do vale de Chiana, o pincel imortal do gênio de Fra Angélico buscava os encantos sublimes com que decorava o fundo ridente de seus admiráveis painéis. A delicadeza infinita de suas Madonas enquadra-se a preceito no poema em flor daquela lindíssima paisagem toscana, um dos recantos mais sedutores da Itália.

Olhando lá do alto para a fértil amenidade da várzea sem fim, distendida entre montanhas alcantiladas quais atalaias de sentinela, fulgura, como diamante em campo de esmeraldas, a cidadezinha de Cortona, que agreste arborização emoldura e embeleza. Lanços enormes de muralhas vetustas, vestidas de trepadeiras silvestres, antigos palácio, ruas estreitas e tortuosas, velhas casas agachadas, recordam priscas eras e preteritas glórias de tempos da Idade Média.

Do outro lado, alteando as brancas torres, cercadas de muralhas ameiadas, repousa Montepulciano. Longe, muito longe, reverberam os raios do sol as águas azuladas do lago Transimeno, testemunha imortal dos amorosos gemidos do Serafim de Assis. Ao pé de nostálgico bosque de ciprestes, plantados por São Bernardino de Sena, ressumam bolor as ruínas do soberbo castelo dos Médicis, que governaram o país.

A formosura incomparável deste recanto edênico foi berço de Margarida. Humildes lavradores da aldeia de Laviano, nas imediações do lago de Perúgia, seus pais, bons e honestos, ministraram, com o leite materno, a doutrina cristã à encantadora criança.

Sete anos de inocência, de paz, de alegria, decorreram abençoados sob o doce olhar materno, enchendo de lua e calor, sorrisos e beijos, o viver daquela filhinha.

Depois, soprou o vendaval inclemente. Sacudiu desabridamente a modesta casinha. Levou a felicidade. A mãezinha morrera quando na alma de Margarida despontava a luz da razão.



Perda irreparável, que abriu no terno coração ferida incurável, ferida que a madrastra, sem vestígio de amor materno, mais e mais dilacerava.

Nunca mais momentâneo brilho de carinho recordou as carícias e os afagos da mãezinha querida. Agora, estalava o chicote dos maus tratos, da indiferença, do abandono.

O raio de felicidade, que em seu rostinho de anjo acendera o beijo da primeira comunhão, dissipou-se rapidamente. Em seu lugar, estampou-se indelével a sombra da melancolia e da tristeza, preparando desastroso naufrágio do frágil barquinho, que vogava atirado às correntezas da vida.

Roubaram o amor, a alegria, a convivência, à sadia e bela mocidade de Margarida como se tira a rosa a luz, o ar e o calor.

Fisicamente, entretanto, não lhe faltavam as qualidades que tornam a jovem mais querida. Tinha-as em excessiva largueza. Faltava-lhe apenas riqueza.

Era a jovem mais linda e admirada do lugar. Formosa como um botão de rosa. De estatura mediana, possuía plástica e elegância impecáveis. As linhas do acetinado rosto vinham traçadas com delicadeza e harmonia do modelo italiano, com retoques naturais estampados pelas cores da saúde e pela vida livre do campo. Bastos cabelos de azeviche, descendo caprichosamente em longas tranças sobre os ombros, davam-lhe um encanto irresistível. Debaixo das sobrancelhas, levemente abobadadas, brilhavam, dardejantes e inquietos, negros olhos pestanudos, cujo fulgor deixava adivinhar a profundidade dos sentimentos da alma.

De índole afável, amorosa, vivaz, extremamente sensível e ardente, profundamente generosa e profundamente impetuosa.

Com estas preciosas prendas, sem carinho no lar, sem guia e direção maternas, Margarida sentia-se à vontade para correr, vaidosa e desabusada, qual borboleta imprudente empós da luz incendiária do luxe e dos prazeres.

* * *

Arsênio Contucci, jovem rico e fidalgo da cidadezinha de Montepulciano, possuía o sítio “I Palazzi”, perto de Laviano, onde era visto com frequência.



Enamorou-se dos peregrinos encantos de Margarida quando esta navegava lindíssima no ridente mar de rosas dos dezoito anos.

O amor, a princípio inocente, transformou-se ao depois, por parte do rapaz, em paixão desenfreada, avassaladora, incontida.

Esqueceu-se aquele jovem de que *noblesse oblige*, e, com promessas enganadoras de felicidade num palácio de magia, de quimera e de sonhos, qual sereia tentadora, foi arrastando a pobrezinha para o despenhadeiro.

Arsênio, muito descaradamente, propôs a fuga. Margarida exitou. Desculpou-se apontando a diferença de condição e fortuna. Apelou o jovem para a beleza dela e jurou desposá-la.

Combinado. Na calada da noite, dirigiram-se aos Palazzi e daí rumaram sem demora para Montepulciano, bem distante do pai de Margarida.

Empreenderam perigosa caminhada. As margens do Chiana, naquele tempo, formava vasto tremedal. Mas a paixão é cega e não mede consequências.

Na falta de barqueiro, Arsênio dirige a canoa. Sem prática alguma, mete-a de encontro a um tronco, escondido sob as lodosas águas. A fraca embarcação submerge. E os dois fugitivos são arrastados no lamaçal.

Não fosse a misericórdia divina, que para aquela jovem possuía particulares desígnios, teriam ambos perecido irremediavelmente.

No dia seguinte, chegam a Montepulciano. Instalam-se no luxuoso palácio. Começa, então, com aquele intróito de romance, a desgraça moral da inexperiente donzela.

Maneada pelos laços do vil sedutor, viu ela o rolar dos anos sem jamais se cumprir a promessa de legitimar a escandalosa união para aquela época, tão diferente da nossa da década de 1990.

* * *

Nove anos nadando em riquezas e prazeres, lisonjas e adulações. Nove anos de pecado, durante os quais vem ao mundo um filho.

Margarida, no desenfreio da ardida exuberância dos seus atordoados anos, calcou aos pés a honra, a paz da alma, a inocência...

Tudo ela perdeu. Menos a fé. Essa estrela que rutilou sobre seu berço, a fé haurida nos lábios maternos, jazia escondida debaixo do borralho do vício, mas não de extinguiu.

Sob as folhas pútridas da animalesca sordície, borbilhava latente, silenciosa, a verdade salvadora da fé.

Um raio de luz, fraco, muito fraco embora, iluminou sempre a negra escuridão do abismo em que tombara.

E essa fé veio devagarinho gerando o germe roedor do remorso, que lhe magoava o coração continuamente, sem descanso.

Náufrago, lobrigava ela, do negror daquela noite, o fulgor do farol apontando-lhe o seguro caminho no proceloso mar das paixões desencadeadas.

E, para matar a saudade cruciante dos tempos de inocência e pureza, lá vai, de mãos largas, repartindo esmolas aos pobres, procurando assim reparar o grande escândalo.

Ao cruzar pelos lírios do campo, não pode conter as lágrimas, recordando a açucena encantadora que arrancara do peito e espezinvara no lodaçal de sensualidade.

Como a corça ferida por tiro mortal, que deixa as companheiras e se embrenha nas matas para morrer sozinha, Margarida, acossada pelo acicate do arrependimento, tocada pela dor, procura no jardim do palácio, longe do bulício da vida agitada, um lugar solitário para aí derramar-se em pranto.

* * *

Um dia, entretinha-se ela em amistosa conversa, quando uma amiga lhe pergunta:

- E que será de ti, Margarida, depois de tanta vaidade?

- Tempo virá - responde a pecadora - em que me chamareis de SANTA, porque o serei. Visitar-me-eis com o bordão ao lado e o saco de romeiro às costas.

A graça divina perseguia-a sem cessar. Até que enfim Deus resolve intervir vibrando tremendo golpe e despedaçando todos os laços do pecado.



Dia de outubro. O fidalgo dirige-se ao castelo do vizinho. Vai resolver uma questão referente a terras das margens do Chiana.

Sobrevem a noite, o amante não volta. Margarida sobressalta-se... Decorrem dias de intensa ansiedade e angustiosa expectativa.

Vai senão quando, aparece o cãozinho, o fiel companheiro de Arsênio. Margarida experimenta momentânea alegria, na esperança de ver chegar logo em seguida o seu senhor. Mas o animal vinha com ar de tristeza, a cauda entre as pernas. Aproximou-se de Margarida. Agarra-lhe a barra dos vestido com os dentes, como a dizer: vem, segue-me.

Ela, já com sombrio pressentimento a fuzilar-lhe a mente como um raio, nota-lhe no pelo manchas de sangue.

Sai correndo, o coração aos saltos. Machuca os delicados pés nas pedras do caminho, rasga o fino vestido, andando atrás do animal através da floresta de Petriignano. Vai a pique de se afundar nas pantanosas margens do Chiana.

De repente, o cachorrinho deixa a estrada, envereda pela mata e estaca diante de um acervo de ramos secos e folhas. Margarida compreende tudo, num relance... Hesita. Sente vontade de fugir para nada ver... Depois, arma-se de coragem, debruça-se, remove a folhagem... e reconhece o cadáver de Arsênio, crivado de punhaladas, ensanguentado, o rosto inchado, já em princípios de decomposição.

Grito lancinante corta o ar e lancinante dor rasga-lhe o peito... E, naquele momento, pensamentos graves desfilam diante de si: a condenação eterna para a qual ela colaborara. A inocência desastrosamente perdida. A felicidade e o sossego desestimados. Os salutareos conselhos do pai desprezados. A imagem da mãe querida que lá do céu chora os desmandos da filha transviada. Deus ofendido e irado por tantos anos... Tudo se lhe apresenta flamante, vivo, ali, diante do cadáver de quem fora autor da desgraça e companheiro de pecado.

E, ali mesmo, com a voz embargada de lágrimas, sobe-lhe espontâneo, do imo da alma, o grito de perdão ao Pai de misericórdia: Senhor, tende piedade de mim!

Levanta-se, completamente mudada, fulminada pelo raio da graça. E, solenemente, promete, jura fazer penitência.

* * *

Demora-se uns dias em Montepulciano. Abandona o palácio com todas as suas riquezas. Abandona tudo. Veste traje de luto. E, com o filho pela mão, rumo em direção à casa paterna, em Laviano.

O mar do mundo, perverso e enganador, vinha agora lançar a praia, donde tirara, os triste restos daquele naufrágio.

Sabia ela que o mundo, perverso e enganador, não perdoa os escândalos. Entretanto, coberta de vergonha e de arrependimento, espera encontrar abrigo na humilde casa que lhe serviu de berço.

Prosta-se qual filha pródiga aos pés do velho pai, cuja vida ela tanto amargurara. Entre preces e lágrimas, narra-lhe a dolorosa e longa história, pede-lhe perdão da dor que lhe causou, da desonra em que lhe lançou o nome e suplica a aceite novamente por filha...

Move-se a compaixão o coração paterno diante da filha prostrada a seus pés, coberta de luto e de dor, com aquele rosto teimosamente belo...

Nisto aparece a madrasta. E, desumana, num assomo de insopitável vingança, espumando fel, rompe numa tempestade de impropérios e deslavados insultos:

- Oh! Miserável mulher, desgraçada! Como te atreves a por o pé nesta casa que tão vergonhosamente desprezaste, depois de rojar na lama o nosso nome e a nossa honra?! Megera, infame, rua daqui!

E, agarrando-a violentamente pelo braço, vibra-lhe tremendo pontapé, atirando-a escada abaixo, entre berros de enegúmeno:

- Vai para o diabo que te carregue, tição do inferno, prostituta de uma figa!

Margarida cai ao solo. Depois, levanta-se a custo, o coração despedaçado por aquele crudelíssimo desengano. As forças fogem-lhe todas. Com pé vacilante, arrasta-se até o jardim e daí para o pomar. Senta-se sob uma figueira, desfogando o espírito em torrentes de lágrimas.

O negro véu do abandono e do desespero estende-se diante de sua alma profundamente abalada. E, nesse momento de treva, soa a voz

do homem velho, que estrebuchava apunhalado pela graça. Fala-lhe do lindo sonho de riquezas, de luxo, de prazeres... Moça formosa, o futuro lhe sorri ainda. Encantará corações de príncipes...

Mas o céu contemplava aquela luta gigantesca em que se jogavam os interesses supremos de uma alma privilegiada. E intervém.

Margarida experimenta, então, supremo alívio. Sente-se calma. E escuta uma voz que murmura: vai para Cortona e põe-te sob a direção dos Franciscanos.

E ela, sem demora, mete-se a caminho. Vence as doze milhas de estrada, montanha arriba, e entra na velha e histórica cidade.

Logo À entrada pela porta Berarda, vêm-lhe ao encontro duas ilustres senhoras dos Moscari, D. Raineria e D. Marinaria. Chama-lhes atenção a dor imensa no lindo rosto da jovem mãe. Ouvem-lhe a triste história. Abrem-lhe o seu palácio, prometendo educar-lhe o filho.

Margarida rende infinitas graças ao Senhor. E aquela alma de fogo, toda feita de ímpetos, começa ardorosamente a servir a Deus, andando passos de gigante no caminho da penitência, num fervor incontido, na ânsia insopitável de praticar o bem e reparar o mal.

* * *

Sabiamente orientada pelos Filhos de São Francisco de Assis, entrega-se perdidamente à oração, ao trabalho incessante, às obras de caridade, escrevendo um poema de sublime abnegação e benemerências.

Para os habitantes de Cortona, para todos, é luz que ilumina e aquece; é mão que ampara os caídos; confiança dos desesperados; caminho dos transviados; mãe dos órfãos; vida dos moribundos...

Abraça a Ordem Terceira de São Francisco. Funda hospitais, funda um Congregação Religiosa. Torna-se anjo de paz nos tempos de lutas entre a Igreja e a sociedade.

Alcandorada em alto grau de santidade, agraciada com o dom dos milagres e da profecia, da saúde aos enfermos, vista aos cegos, ouvido aos surdos, vida aos mortos...

Sua fama dilata-se pela Itália e pela Europa toda.

Após 14 anos de heroísmos no seio daquele povo, recolhe-se à solidão de humilde choupana no monte Santo Egídio, e, sepultada ao mundo para o sacrifício vespertino da vida, consagra os nove últimos anos de existência em contínuo contato com Deus, em contraposição aos nove anos de vida de pecado.

Seu filho toma-se sacerdote franciscano e famoso pregador.

E, na idade de 50 anos, em 22 de fevereiro de 1297, voa para o céu esta admirável flor do charco, que hoje invocamos sobre os altares com o nome de SANTA MARGARIDA DE CORTONA.

NA SOLIDÃO DO DESERTO

(São Paulo Eremita)

Paulo ia nos 15 anos, quando lhe morreram os pais. Ricos, herdaram-lhe fabulosa fortuna, a ser dividida apenas com a única irmã, já casada.

Desde pequeno frequentara a escola, que só abandonou aos 23 anos. Aprofundara-se nas ciências gregas e egípcias, assim como nas Sagradas Escrituras.

Com o leite materno, sorvera os primeiros conhecimentos da religião cristã. Em casa e nas escolas de sua terra, aprendera e punha em prática os sublimes ensinamentos do Evangelho.

Amava a Deus apaixonadamente, sabendo que só Ele poderia torná-lo feliz. Confiava plenamente no seu Criador e Senhor, ciente de que nele teria o amparo necessário no longo jornada pelos escabrosos caminhos da vida.

A perseguição religiosa encharcava de sangue de milhões de mártires as imensas plagas do Império Romano, tomado como de assalto pelos seguidores da doutrina de Cristo.

Décio, o cruel imperador de então, desencadeara assassina tormenta por sobre o Egito, na Tebaida, província natal de Paulo. Borbotões de sangue, empapando o glorioso solo africano, regavam a semente de novos cristãos, que surgiam como cogumelos após a chuva.

O nosso ilustrado jovem, a quem os prazeres e os bens mundanos não seduziam, armou-se de coragem para enfrentar a morte.

Não exitou. Talvez não lhe sobrassem forças de suportar, de viseira erguida, os requintes de selvageria dos desumanos perseguidores.

Excogitou um plano arrojado. Demandaria o deserto. Lá, na solidão, longe de qualquer contato humano, haveria de aprimorar sua virtude na contemplação dos horizontes eternos, na prece incessante, na penitência cotidiana.



Deus, só Deus, o único objeto do seu amor, o seu único amor, seria para ele sustento e vida.

Quem ama de verdade, quem ama perdidamente, loucamente, uma pessoa, vence todos os óbices, arrosta todos os perigos, vai até o fim do mundo, para unir-se ao seu bem-amado.

O amor de Paulo era Deus. Deus que o amava com o amor infinito. Deus onipotente, para quem não existe o impossível.

O seu Amor, em que confiava plenamente, não lhe recusaria uma fruta, um pedaço de pão, uma gota de água, na amplidão sem fim do deserto. Deus seria a sua defesa contra as feras bravias, as tempestades de areia, a fome e a sede.

* * *

Refletiu longamente. Pediu luzes divinas. E resolveu. Despediu-se da irmã, dos parentes. Abandonou sua imensa fortuna. E, armado de um bordão, sacola ao ombro, desapareceu em direção ao ermo ignoto.

Caminhou o dia inteiro, sob a ardência do sol africano, na verberação das areias em brasa, a prece nos lábios, a fé em Deus.

Um bocado de pão foi o seu único alimento naquele dia. A lua e as estrelas iluminaram o caminho pela noite alta.

Enfim, exausto de fadiga, caiu e adormeceu sobre o frio leito da areia fina. Dormiu e sonhou com a mansão que Deus lhe reservava no mistério da longínqua soledade.

De manhã, o sol, qual benção celeste, despontando por trás da ondulação arenosa, beijou-lhe a face, dando-lhe bom dia.

E a jornada distendeu-se por longas horas, seguindo as pegadas das feras. Paulo ia procurar entre os animais selvagens a segurança que não encontrava entre os homens.

No instante lânguido do cair da tarde, quando a sombra trêmula se alongava como solitário fantasma, lobrigou ao longe estranho negror. Era um oásis, uma colina toda vestida de luxuriante mata.

Estugou os passos. Mas a noite desceu rápida, o céu curvou-se em brônzeo escuro negro. Andou uma hora no coração da treva, e, por fim, tombou sem forças, adormecendo após ligeira prece.

O sonho da mansão voltou agora mais nítido. Aquele oásis bendito encerrava o palácio encantado do seu ideal de eremita.

Ao raiar do dia, o sol doirava o verdor do bosque. Paulo caminhou uma hora e penetrou na espessura do árvoredo, sentindo inefável conforto, após a longa caminhada, no meio da areia.

De repente, estremeceu. Ouvira tremendo rugido. Era um leão, o rei daquele remanso. A fera olhou para o estranho visitante, sacudiu a vasta juba. Paulo traçou o sinal da cruz e o animal serenou. Aproximou-se calmo, sacudindo a cauda e, por fim, lambeu-lhe os magoados pés.

O jovem rendeu graças a Deus. Acariciou o pelo do quadrúpe-de, proferindo palavras de carinho, que a fera agradeceu com pequenos urros.

Paulo prosseguiu viagem. Afundou na mata. Descobriu uma cavema, a cuja entrada borbulhava cristalina vertente, formando murmuroso regato, que se perdia além, entre as pedras.

Perto, uma tamareira oferecia cachos de frutas maduras.

O moço exclamou, enlevado: Veja como Deus é bom! Preparou-me a casa, a comida, a água e a roupa para me vestir.

Avançou pela furna adentro. Encontrou vestígios de habitação humana. Buris, bigornas e martelos, ferramentas que denunciavam fabricantes de moedas falsas dos tempos de Marco Antônio e Cleópatra.

No fundo do grotão, aninhava-se pequeno esconderijo, uma espécie de cela fechada por pedras, galhos e folhas.

Paulo agradeceu mais uma vez à Divina Providência por aquele seguro abrigo.

* * *

A princípio, estranhou a solidão. Sentiu saudades do seu torrão natal. Mas o contínuo contato com Deus e a sua maravilhosa natureza o consolavam. Seu coração ardia em ânsia de amor febril.

Orava. Meditava nas verdades eternas. Extasiava-se em sobrenaturais contemplações. Às vezes, no entanto, o assaltava a tentação, que repelia sempre galhardamente.

Todos os dias, alimentava o corpo com algumas tâmaras e goles de água. Depois de anos, as frutas se acabaram. Então, com indizível júbilo, viu chegar um corvo com um pedaço de pão no bico. No dia seguinte, a ave tornou com idêntica ração. E assim continuou todos os dias, durante toda a vida.

A roupa que trajava desfez-se com o rolar dos anos. De folhas de palmeira, trançou uma túnica que lhe servia de veste.

As feras selvagens o visitavam e junto louvavam o Criador.

A virtude de Paulo se aperfeiçoava mais e mais. Deus o favoreceu de seus carismas. Diariamente, engolfando-se na contemplação divina, gozava de eflúvios da visão celestial.

Às vezes, no arroubo do êxtase, era agraciado com a mística presença de Cristo, da Santíssima Virgem e dos Santos.

* * *

E assim ia envelhecendo o santo anacoreta, sem receber a visita de ente mortal humano.

Eram já decorridos noventa anos de completo isolamento naquele ermo, quando, um dia, estando fechado em seu escuro e frio quartinho, ouviu uma voz.

Sobressaltou-se. Escutou melhor. Era voz humana. Não havia mais dúvida. Alguém estava lá fora.

Súbito, as pedras que obstruíam a porta se moveram, enquanto a voz falava:

- Abre, por favor.

Silêncio lá dentro.

- Abre, Paulo. Tu bens sabes quem sou eu. Sabes donde venho e quem aqui me traz. É verdade que não sou digno de te ver. Mas daqui não sairei sem esta felicidade. Recusas abrir a porta a um homem e no entanto recebes as feras. Eu te procurei com tanto afã e te encontrei. Bato agora à tua porta. Se não me abrires, ficarei aqui a chamar a vida inteira, até morrer. Espero que depois me darás sepultura.

Paulo, então, respondeu:

- Ninguém até hoje me procurou. E como poderei receber-te se dizes que vieste para morrer?

E, dizendo estas palavras, Paulo abriu a porta. Sorriu docemente e abraçando-se com o recém-chegado:

- Ó meu caro Antão. Bem-vindo sejas. Foi Nosso Senhor quem te dirigiu os passos até aqui. Deus seja louvado! Aqui me tens coberto de velhice e de cabelos brancos. Este é o homem que se encontra no final da vida, prestes a se transformar em cinza e pó.

* * *

A este ponto do diálogo, chegou o corvo com dois pedaços de pão. Paulo falou:

- Vês como Deus é bom e misericordioso: mandou-nos a refeição. Há já sessenta anos que recebo diariamente um pãozinho. Hoje, por tua causa, a ração veio dobrada.

Os dois varões reconheceram a intervenção da Divina Providência. Longas horas permaneceram em colóquio e a noite passaram em oração.

No dia seguinte, disse Antão:

- Tenho noventa anos. Julgava-me o homem mais velho do mundo. Isto me envaidecia. Então Deus revelou-me a existência de um ente mais velho e mais santo. Indicou-me o caminho para chegar a ele. Vim atravessando o deserto, caminhando à toa, sem orientação, quando me apareceu um monstro com corpo de homem e de cavalo. Pensei no demônio. Tracei o sinal da cruz. E perguntei-lhe acerca de tua morada. O monstro estendeu o braço, indicando o rumo a tomar.

Vim andando - prosseguiu Antão - na direção indicada. Mais adiante, outra vez desorientado, pedia a Deus que me iluminasse. E eis que outra figura se me apresenta, num vale pedregoso. Era um indivíduo pequeno, nariz adunco, chifres e pés de cabra. Recorri de novo ao sinal da nossa Redenção. Sem que eu perguntasse, indicou a direção a tomar e falou:

- Eu sou um mortal e um dos habitantes do deserto que os pagãos adoram sob o nome de Faunos, Sátiros e Incubos. Fui enviado para vos pedir que oreis por nós àquele que é vosso Deus e que sabemos ter vindo para salvar o mundo.

Dizendo isto - continuou Antão - desapareceu. Eu bati no chão com o meu cajado, exclamando: Maldita Alexandria, que adora os monstros. Maldita cidade adúltera, que te tornaste reduto dos demônios que se espalham pela terra. Como te defenderás? As feras publicam as grandezas de Jesus Cristo, e tu rendes a estas bestas as honras que só são devidas a Deus.

Caminhei mais dois dias, guiado apenas pelos sinais das feras na areia. Passei a noite em oração pedindo novas luzes. De manhã, avistei uma loba, morta de sede. Segui-lhe os passos até aqui, onde ela vinha procurar água. Entrei na caverna. Nada. Avancei, tateando na escuridão. Divisei uma luz. Bati à porta da cela. Não tive resposta. Rezei a noite inteira. Até que enfim a porta se abriu.

- Pois é, - respondeu Paulo. - Há muitos anos sabia eu que moravas na solidão. Estando eu no fim da vida, Deus te mandou para dar sepultura ao meu corpo.

A estas palavras, Antão estremeceu e disse:

- Paulo, peço que me leves junto contigo para o céu.

- Não, Antão. Pois é vontade de Deus que fiques ainda algum tempo, para o bem daqueles que te veneram como mestre. Agora, Antão, desejo que vás buscar o manto de Santo Atanásio a fim de nele envolver o meu cadáver para a sepultura.

Antão, obediente, foi sem demora. Tomou o manto e voltou para a gruta apressado, cuidando encontrar Paulo ainda com vida.

Mas, no caminho, viu a alma do santo varão, cercada de intenso esplendor, subindo ao céu, acompanhada de anjos, profetas e apóstolos.

Impressionado com a visão, foi andando. À entrada da caverna, deparou com um quadro singular. Lá estava Paulo, de joelhos, os braços abertos em cruz, a cabeça erguida para o céu, imóvel. Parecia vivo. Aproximou-se. Chamou-o. Tocou-o. Estava morto.

Envolveu piedosamente o corpo no manto sagrado. E tratou do sepultamento. Mas como abrir cova sem ferramentas? Pensou. Orou. E eis que do seio da mata chegam dois leões. Uivaram. Deitaram-se aos pés do morto, como sinal de gratidão. Depois, escavaram o solo, abrindo um

buraco. Antão orou sobre o defunto. E sepultou-o, retirando a túnica de folhas, que levou consigo como relíquia.

Era o ano 347, quanto Santo Antão Abade sepultou o primeiro eremita, São Paulo, que, morrendo aos 113 anos de idade, deixava a solidão do deserto que o cumulou de méritos e virtudes, levando-o a alto grau de perfeição.



[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br

...que exemplares de obras de Fidélis Dalcin Barbosa, especialmente em bibliotecas do interior, figuram como os mais lidos. Muitos milhões de brasileiros, pois, leram alguma dessas obras. Para muitos também o primeiro livro lido, foi uma obra de Fidélis Dalcin Barbosa.

- 1 – Tesouro escondido no campo
- 2 – Respeito
- 3 – O pequeno marginal
- 4 – O pinheiro
- 5 – O nhandu
- 6 – O ébrio
- 7 – O filho do baby-doll
- 8 – O mendigo
- 9 – O sorriso de Mônica
- 10 – A Santa Maria Goretti Gaúcha
- 11 – Flor do Campo
- 12 – Na solidão do deserto



Passo Fundo
Ribeirão Cultural

Portal

Domínio Público

Biblioteca digital desenvolvida em software livre

